

Faculdade Batista **Pioneira**



CAMILA GISSELLE KLEINBIELEN ARNDT

**MODELOS DE CRESCIMENTO DE IGREJA:
As quebras de paradigmas e a revitalização das estratégias
contextualizadas**

IJUÍ
2021

CAMILA GISSELLE KLEINBIELEN ARNDT

**MODELOS DE CRESCIMENTO DE IGREJA:
As quebras de paradigmas e a revitalização das
estratégias contextualizadas**

Trabalho apresentado para cumprir as exigências da disciplina de Supervisão de Pesquisa do Curso Bacharel em Teologia, ministrada pela Dr^a. Marivete Z. Kunz.

Orientador: Dr. Josemar Valdir Modes

FACULDADE BATISTA PIONEIRA
IJUÍ
2021

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

**MODELOS DE CRESCIMENTO DE IGREJA:
As quebras de paradigmas e a revitalização das estratégias contextualizadas**

Autor: **Camila Gisselle Kleinbielen Arndt**

Orientador do Conteúdo: **Dr. Josemar Valdir Modes**

Avaliador de Forma: **Dr. Josemar Valdir Modes**

Avaliador de Português: **Ma. Juliana Dellafavera**

Avaliador Final: **Dr. Claiton André Kunz**

Aprovada em: ____/____/____

IJUÍ
2021

RESUMO

A pesquisa a seguir teve como objetivo analisar os modelos de crescimento de igreja que mais se destacaram nos últimos anos, bem como reforçar o desenvolvimento de estratégias contextualizadas para a edificação de igrejas locais. Para isso, em primeiro lugar, foram analisados a Igreja em Células, o Movimento G-12 e o Modelo de Discipulado Apostólico. Posteriormente, foram abordados os modelos de Redes Ministeriais e Igrejas com Propósitos. No terceiro capítulo, foram examinados o Desenvolvimento Natural da Igreja e a Igreja Multiplicadora. A pesquisa encerrou seu desenvolvimento expondo, por um lado, o efeito da pós-modernidade em relação a pluralidade de modelos e a singularidade da igreja local e, por outro, a importância de revitalizar o planejamento estratégico nas igrejas locais. A pesquisa realizada foi qualitativa, bibliográfica e aplicada.

Palavras-chave: Crescimento de Igrejas; Modelos; Estratégias; Contextualização.

RESUMÉN

La siguiente investigación tuvo como objetivo analizar los modelos de crecimiento de iglesia más destacados en los últimos años, como así también reforzar el desarrollo de estrategias contextualizadas con el fin de edificar las iglesias locales. Para ello, en primer lugar, se analizó la Iglesia en Células, el Movimiento G-12 y el Modelo de Discipulado Apostólico. Posteriormente, se abordaron los modelos de Redes Ministeriales e Iglesias con Propósitos. En el tercer capítulo se examinó el Desarrollo Natural de Iglesias y la Iglesia Multiplicadora. La investigación finalizó su desarrollo exponiendo, por un lado, el efecto de la posmodernidad en relación a la pluralidad de modelos y la singularidad de la iglesia local, y por otro, la importancia de revitalizar la planificación estratégica en las iglesias locales. La investigación realizada fue cualitativa, de tipo bibliográfica y aplicada.

Palabras-clave: Crecimiento de Iglesia; Modelos; Estrategias; Contextualización.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Escala do Êxito do G-12.....	12
FIGURA 2: Círculo de Compromisso	23

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 O MODELO CELULAR E SUA REPERCUSSÃO	9
1.1 Igreja em Células.....	9
1.1.1 O seu começo	9
1.1.2 Fundamentos e análise	10
1.2 O Movimento G-12.....	11
1.2.1 Características do movimento	11
1.2.2 Análise.....	13
1.3 O Movimento de Discipulado Apostólico (MDA)	15
1.4 Considerações	17
2. A IGREJA DO NOVO PARADIGMA	19
2.1 Rede Ministerial	19
2.1.1 Características do modelo	19
2.1.2 Estratégias	20
2.2 Igreja com Propósitos	21
2.3 O perigoso pensamento seeker-sensitive	23
2.4 Considerações	25
3 PRINCÍPIOS DE CRESCIMENTO	27
3.1 Desenvolvimento Natural da Igreja (DNI).....	27
3.1.1 O novo paradigma	28
3.1.2 Marcas de qualidade.....	29
3.1.3 Seus princípios	31
3.2 Igreja Multiplicadora.....	32
3.3 Considerações	35
4 A ESTRATÉGIA CONTEXTUALIZADA	37
4.1 Pós-modernismo: contra os modelos	37
4.2 A singularidade da Igreja local.....	39
4.3 Proposta: Revitalização do planejamento estratégico	41
4.4 Considerações	44
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

O crescimento de igrejas é um assunto que preocupa tanto os teólogos como os pastores e líderes. Isso tem levado estudiosos, como Donald McGavran e Peter Wagner, a dedicar parte de seu trabalho para compreendê-lo. Por outro lado, líderes têm criado inúmeros modelos com a intenção de promover o crescimento eficaz dentro de suas igrejas, mas também na infinita procura que outros líderes adquiram estes modelos, fazendo assim de cada modelo uma fórmula ou segredo mágico no qual o que importa são os resultados e deixar o líder marcado como “bem-sucedido”, e nada além disso.

Falar de crescimento aparenta ser uma questão fácil, pois cada pastor ou líder espiritual deseja que a igreja que Deus colocou nas suas mãos cresça e, de fato, existe uma missão universal para a igreja local: “Ide e fazei discípulos entre as nações!”.¹ Porém, existiram e ainda existem muitos paradigmas para serem quebrados. No decorrer da história, foram lançados e apresentados diferentes modelos/estratégias de plantação e crescimentos das igrejas, que garantiram a obtenção de resultados eficazes (alguns na busca de resultados numéricos; outros, de qualidade). Mas até que ponto os métodos de crescimento de igreja existentes se encaixam de maneira saudável na igreja local?

Esta pesquisa pretende analisar diversos modelos e princípios de crescimentos das igrejas, com maior foco nos desenvolvidos nas últimas décadas, para, então, propor a revitalização de estratégias contextualizadas por meio do planejamento estratégico. Desse modo, a pesquisa será organizada em quatro capítulos. O primeiro analisará o modelo celular tendo na vista a Igreja em células, o Movimento G-12 e o Modelo de discipulado apostólico. O segundo capítulo tratará sobre os modelos da igreja do novo paradigma, ou seja, o modelo de Rede ministerial e a Igreja com propósitos. O terceiro capítulo abordará o Desenvolvimento natural da igreja e a Igreja multiplicadora (este último modelo foi selecionado por ter uma relação com a Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil). Por fim, o quarto capítulo fará uma breve exposição sobre a igreja e o mundo pós-moderno, a singularidade da igreja local e a importância de revitalizar o desenvolvimento de estratégias contextualizadas.

A pesquisa será do tipo bibliográfica e aplicada. Bibliográfica porque procura auxiliar a compreensão por meio de referências publicadas em documentos (físicos ou e-books) ou sites relacionados ao assunto. Será aplicada pois contribuirá na edificação das igrejas locais.

¹ Veja-se Mateus 28.19-20. (**Bíblia sagrada nova versão internacional**. 1.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 881).

A expressão “os fins justificam os meios” sugere que, com o intuito de se alcançar determinado objetivo, seria aceitável tomar qualquer atitude. Este parecer alcança, infelizmente, as estratégias para o crescimento de igrejas e é por isso que é preciso repensar a sua aplicação, já que cada estratégia deve ser íntegra e pura desde sua origem! Todo modelo é válido desde que conserve e respeite as Escrituras; porém, crescer de forma saudável é o que Deus quer para Sua igreja local. Dado que cada igreja possui uma história, uma realidade social, uma cultura local e também necessidades próprias, contextualizar é o caminho que permite e desafia a igreja local a crescer integralmente e cumprir a ordem de Deus.

1 O MODELO CELULAR E SUA REPERCUSSÃO

Uma reflexão acerca da visão celular no mundo exige deste primeiro capítulo o aprofundamento e a compreensão sobre a Igreja em células, o Movimento G-12 e o Movimento de discipulado apostólico e qual foi sua trágica repercussão.

Na sequência, a bibliografia básica utilizada para o desenvolvimento de cada subponto será exatamente aquela escrita pelos precursores dos movimentos antes mencionados.

1.1 Igreja em Células

1.1.1 O seu começo

Lançando um olhar para o início da Igreja em células, imediatamente vem à mente o trabalho de David Yonggi Cho.² Porém, pode-se observar que foi John Wesley “o pioneiro do evangelismo em grupos pequenos”, pois no final do século XVIII Wesley desenvolveu mais de 10.000 células (denominadas classes).³

Então, David Yonggi Cho pode ser considerado introdutor do método neste século,⁴ especificamente desde 1964 e internacionalmente desde 1976.⁵

Subitamente senti o Espírito falar ao meu coração: “Deixa meu povo ir e crescer”. Fiquei espantado e estonteado. O que significa isso? Ele continuou: “Deixa meu povo ir do reino de Yonggi Cho e deixa-o crescer”. “O que queres dizer com ‘deixa-o crescer’” perguntei. “Ajuda-os a firmar-se em seus próprios pés. Ajuda-os a executar o ministério”.⁶

Em um primeiro momento, foram chamados de “grupos familiares” (pode-se observar menções no livro de Cho), mas com o decorrer dos anos estes grupos passaram a ser denominados “células” conforme a sua estrutura. Segundo os dados de Comiskey, a igreja de Cho cresceu até 23.000 células⁷ e muitos autores o intitulam como pastor da “maior igreja da história cristã”.⁸ Desde que Cho deu início a seu ministério em células, muitos outros pastores começaram a imitá-lo, maioritariamente nas igrejas pentecostais e neopentecostais, tornando o método muito conhecido na América Latina.

² Ou Paul Yonggi Cho.

³ COMISKEY, Joel. **Crescimento explosivo da igreja em células**: como o seu grupo pequeno pode crescer e se multiplicar. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2002, p. 23.

⁴ COMISKEY, 2002, p. 24.

⁵ CHO, Paul Yonggi. **Grupos familiares e o crescimento da Igreja**. Tradução de João Barbosa Batista. São Paulo: Vida, 1985, p. 4.

⁶ CHO, 2002, p. 24.

⁷ COMISKEY, 2002, p. 25.

⁸ LAY, Robert M.; KASDORF, Harry. **Manual do auxiliar de célula**. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2008, p. 25.

No Brasil, “um dos grandes entusiastas desse trabalho é o pastor Robert M. Lay, da Igreja Irmãos Menonitas de Curitiba”.⁹ Ele tem visitado várias Igrejas no mundo, aprendendo e transmitindo nos seminários e palestras o que tem aprendido. Além disso, tem promovido encontros de lideranças das igrejas interessadas e sua equipe tem traduzido e impresso as literaturas usadas para treinamento tanto de líderes como de novos convertidos e estudos para se viver na prática a Palavra de Deus. Ele representa no Brasil o “*Touch Ministries*” do pastor Ralph Neighbour.¹⁰

1.1.2 Fundamentos e análise

Comiskey define “Igreja em Células” como simplesmente uma igreja que coloca os grupos pequenos de evangelismo no centro do seu ministério.¹¹ Portanto, é uma comunidade cristã de base e que constitui “o bloco básico de construção na edificação da igreja”.¹²

Assim, as igrejas que aderem a esse modelo possuem dois ministérios centrais: a edificação e o evangelismo. A edificação da igreja “acontece enquanto os membros cuidam uns dos outros, usando seus dons espirituais e se beneficiando dos sistemas de apoio”.¹³ Enquanto isso, já o evangelismo ocorre em grupos de amizade – “três ou quatro membros maduros da célula cada um ministrando a dois incrédulos”¹⁴ – ou seja, “uma subcomunidade de alcance dos perdidos”¹⁵ que tem, inclusive, a função de conectar cristãos, membros de células e incrédulos para assim poder levar almas para Cristo e logo integrá-las “na vida da célula”¹⁶. Vale ressaltar que a multiplicação da célula em mãe e filha é uma das características relevantes.

Essa multiplicação é dada graças a um processo de quatro estágios. Comiskey explica cada um deles:¹⁷

1) *Estágio de aprendizado*: os líderes devem criar a arte dos quebra-gelos durante os primeiros dias para conhecer uns aos outros. Dura aproximadamente um mês.

2) *Estágio do amor*: as pessoas veem umas às outras como elas realmente são, cada uma tirando suas máscaras. Também dura aproximadamente um mês.

⁹ PRADO, Ivo Gomes. **Vivendo a Comunhão do Primeiro Amor**: apostila de igreja em células. São Paulo: Ministério de Igreja em Células em Assis, 2000, p. 7-8.

¹⁰ O pastor Neighbour tem liderado o movimento de Igrejas em células ao redor do mundo, tendo elaborado juntamente com diversos obreiros e Igrejas as bases atuais das Igrejas em Células. (PRADO, 2000, p. 5).

¹¹ COMISKEY, 2002, p. 17.

¹² LAY, 2008, p. 31.

¹³ LAY, 2008, p. 33.

¹⁴ LAY, 2008, p. 33.

¹⁵ LAY, 2008, p.33.

¹⁶ LAY, 2008, p. 33.

¹⁷ COMISKEY, 2002, p. 20-21.

3) *Estágio do lançamento*: nesta etapa se concentram os esforços para o evangelismo e esta é a atividade central. Este estágio termina uma vez que a célula se multiplica.

4) *Estágio da partida*: pode ocorrer um ano após o nascimento da célula, quando o grupo é grande. “Geralmente, um grupo com apenas quatro pessoas, sentadas em volta olhando umas para as outras por um ano, faz com que elas se sintam muitos felizes em sair dali”.¹⁸

Porém, por muitos anos este tipo de estratégia foi condenada, pois foi associada ao movimento G-12, “que foi responsável por várias cisões em todo o país”.¹⁹ E ainda, alguns estudiosos como Bezerril²⁰ mencionam que “este movimento com estrutura articulada e planejada, consiste de um artifício moderno que nunca passou pela cabeça dos apóstolos” e que por isso é “nada mais que do que um modelo secular de gerenciamento de empresas e de megaigrejas”.

1.2 O Movimento G-12

1.2.1 Características do movimento

Diante das necessidades e das frustrações com o modelo celular encontradas no seu ministério, César Castellanos Dominguez²¹ recebeu uma visão que mudaria drasticamente todos os conceitos existentes até o momento. Em suas próprias palavras:

Eu não estava conformado e decidi procurar Deus em oração, desejando um conselho de Sua parte; foi quando Ele me deu a revelação do G12. Entendi que o contato de Jesus com as multidões era esporádico; um dia estava com determinado grupo, no dia seguinte com outro diferente. O único grupo que Jesus não trocou, nem esteve mudando foi formado por Seus doze apóstolos. Por três anos e meio vi fluindo de Sua vida em cada um deles. Falavam de Seu exemplo, com parábolas, com ensinamentos da vida cotidiana. Nesse tempo Deus formou o caráter dos seus discípulos; cada um de Seus ensinamentos ficou gravado em seus corações. Jesus viu que, com esses doze indivíduos, daria continuidade à Sua Visão. Por isso, Deus tão logo cumpriu Seu tempo, os doze se dedicaram a difundir o Evangelho pelo mundo, ganhando mais almas que as que ganham hoje e usando os meios maciços de comunicação. Isto foi possível porque o Senhor fez Seu maior investimento no ser humano, então, estas pessoas se dedicaram a fazer de cada um líder.²²

O Movimento G-12 foi implementado a partir de um modelo de células já existente com os seguintes elementos distintivos: o número doze de pessoas nas células (baseado na

¹⁸ *Apud* COMISKEY, 2002, p. 21.

¹⁹ *Apud* CARVALHO Costas Moab. **O aggiornamento do pentecostalismo brasileiro**. São Paulo: Recriar, 2019, p. 251.

²⁰ BEZERRIL, Moisés C. **Igreja em células**: uma ameaça à eclesiologia reformada e ao pastorado apostólico. 2005, p. 1.

²¹ CÉSAR CASTELLANOS DOMINGUEZ, casado com Claudia Castellanos. São fundadores e pastores principais da Missão Carismática Internacional em Bogotá, Colômbia. Visionário do movimento G-12.

²² CASTELLANOS, César D. **Sonha e ganharás o mundo**. São Paulo: G12, 2006, p. 100-101.

reprodução do caráter dos doze apóstolos com os quais Jesus trabalhou)²³ e os chamados *Encontros*. Outro elemento distintivo é a estrutura do G-12, que se organiza a partir da “escala do êxito”: ganhar, consolidar, discipular e enviar as almas.²⁴

Existem dois princípios importantes da visão que entram em jogo na 'escala do êxito'. O primeiro é reter o fruto que foi ganho para que as pessoas não se percam de novo pela 'porta dos fundos da Igreja'. A segunda é produzir liderança que possa crescer rapidamente, desenvolver e reproduzir para que a igreja possa se multiplicar.²⁵

A escala do êxito pode assim ser compreendida:

- *Ganhar*: todas as células do movimento são evangelísticas e devem ser o meio para alcançar os perdidos. Assim, todas as almas alcançadas deverão preencher uma ficha de consolidação, para que seja cumprida a etapa seguinte.
- *Consolidar/Discipular*: o objetivo é levar o novo convertido ao *Encontro*; para isso se deverá pegar o contato e marcar uma visita, mostrando assim interesse pela pessoa. Em seguida, durante um ano, a pessoa aprenderá princípios bíblicos e será transmitida a visão de evangelismo. Deste modo, a consolidação compreende um *pré-Encontro*, um *Encontro* e um *pós-encontro*.
- *Treinamento*: a pessoa irá frequentar a Escola de Líderes, na qual além das aulas teóricas, contará com trabalhos práticos, como visitar alguém ou começar uma célula em sua casa. Quando for considerada apta, será “enviada”.
- *Envio*: o novo líder abrirá uma célula de multiplicação e levará outros novos membros a passar pelo mesmo processo, sempre sob a supervisão de outros líderes.

Edvaldo Barbosa esclarece a escala do êxito no seguinte quadro:

FIGURA 1: Escala do Êxito do G-12

GANHAR	CONSOLIDAR	TREINAR	ENVIAR
Oração por Três (30 dias)	Fonovisita em 24 horas	Escola de Líderes	Montar sua própria equipe de Encontro
Jejum por três (30 dias)	Contato Pessoal em 7 dias	Grupo de 12	Ter sua própria Escola de Líderes
Evangelismo Pessoal	Pré-Encontro	Formar suas células de Multiplicação	Conquistar Cidades
Células de multiplicação	Encontro	Formar seus 144	Conquistar Nações
Cultos de Celebração	Pós-Encontro		
Redes Homogêneas			

²³ LIMA, Paulo Cesar. **O que está por trás do G-12**: o que é, suas doutrinas, seus métodos, o que pretende. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 31.

²⁴ Em alguns textos acrescentam o “treinamento” na escala do êxito, ficando confuso o processo de consolidação e discipulado.

²⁵ HARDING, Clive. **Manual para pastores**. Bogotá: G-12, 2005, p. 9.

FONTE: BARBOSA, Edvaldo. **Aspectos práticos da visão em células**. Ministério Apostólico Renovado, 2011. Disponível em: <https://sourenovado.wordpress.com/2011/04/28/aspectos-praticos-da-visao-em-celulas/>. Acesso em: 13 mai 2021.

No Brasil, o G-12 chegou em 1998 por meio de dois líderes: Valnice Milhomens e Renê de Araújo Terra Nova. Isso ocorreu logo que foram enviados ao Encontro em Bogotá (Colômbia) para conhecer o novo avivamento.

Estamos debaixo da cobertura espiritual do tremendo ministério da Missão Carismática Internacional, e, sabendo que o casal Castellanos tem vontade que esta visão corra como a corça, em terras brasileiras, vamos contribuir, divulgando-a pela imprensa escrita, falada e televisiva, para que o nosso povo seja liberto das amarras satânicas e para que sejam arrancados do nosso contexto os espíritos de ruína, pobreza e miséria, como também toda herança maligna.²⁶

Castellanos afirma que “igualmente ao modelo dos doze, esta é uma estratégia com fundamento bíblico”.²⁷ Porém, o G-12 produziu sérias polêmicas que serão analisadas a seguir.

1.2.2 Análise

O pastor Daniel Romero comenta em seu estudo MCI - G-12²⁸ que, como em qualquer movimento, há aspectos positivos a serem considerados, destacando-se os seguintes:

- Expectativa de crescimento significativo;
- A cidade como um desafio de missão;
- Oferecimento de um programa estruturado para toda a igreja;
- Paixão pelas almas;
- Ênfase no discipulado;
- Respeito significativo pela figura pastoral;
- Forte ênfase na construção do caráter do crente e no entendimento da batalha espiritual;
- Promove a prática da generosidade.

Porém, ao observar com atenção o Movimento G-12 encontra-se também algumas práticas e doutrinas contrárias à Palavra de Deus. Os seguintes subpontos serão abordados, tendo em vista os capítulos do livro de Paulo Cesar Lima “*O que está por trás do G-12*” e outras referências sobre o assunto:

²⁶ Palavras escritas pelo pastor Renê de Araújo Terra Nova na introdução do Manual de Realização de Encontros.

²⁷ CASTELLANOS, 2006, p. 95.

²⁸ ROMERO, Daniel. **Estudio MCI- G-12**. Comisión de Teología URPAB RM, 2017, p. 10.

*1. A perigosa prática de regressão:*²⁹ O G-12 propõe uma regressão oculta na forma de confissão que é promovida pelo ministrador do Encontro:

Peça a cada um que: Tente visualizar o encontro do espermatozoide do seu pai com o óvulo de sua mãe. Ali Deus já planejava cada momento da sua vida. (Cite trechos do Salmo 139). Veja-se no útero materno, sendo formado... Veja-se em cada momento da gestação... Tente lembrar os sentimentos que recebeu: amor, ódio, rejeição, tentativa de aborto, perigo de vida por conta de doenças, insegurança quanto ao nascimento... Veja-se nascendo, sendo recebido por sua mãe. Saiba que nesse momento Jesus também estava recebendo e te amando (talvez seu pai não estivesse lá, mas Jesus estava). Jesus lhe recebeu e lhe colocou no colo... Veja-se crescendo: com um ano de idade... dois ... três... Obs.: em cada faixa etária, desde a infância até a vida adulta, o ministrador deverá instruir os encontristas a se lembrarem de momentos difíceis, amargos, traumatizantes etc. Eles precisam liberar perdão às pessoas envolvidas em cada fase e até mesmo a Deus³⁰.

Biblicamente, os pecados daquele que entregou sua vida a Cristo foram perdoados e purificados, como está escrito em Cl. 2.13 e 1Jo. 1.7. A salvação em Jesus é completa e total. “Traumas [...] devem ser tratados sim, mas com psicoterapeutas, psicólogos formados”;³¹ de nenhuma maneira a regressão pode ser usada como meio espiritual, já que a pessoa pode ficar presa ao passado.

2. O querer mandar em Deus- confissões positivas: o G-12 ensina que tudo o que o crente declara para Deus vai conseguir para a sua vida, ou seja, “trazer à existência o que declaramos com nossa boca”.³² Castellanos menciona em seu livro que “A fé é declarar aquilo que desejamos como se já o tivéssemos”³³ e que “...quando acreditamos nestes princípios de todo o nosso coração, confessamos, proclamamos e declaramos em qualquer lugar em que nos encontremos que veremos sempre o respaldo e a bênção do Senhor”.³⁴ É uma forma atrevida de lidar com Deus e uma prática antibíblica, pois coloca seu foco no homem e na sua fé e não na vontade soberana de Deus.

3. Teologia da prosperidade: o G-12 declara que o sofrimento e a pobreza significam falta de fé do indivíduo, pois Deus nunca fala “não” às orações de seus filhos. Os pensamentos que sustentam esta teologia são confissões positivas e triunfalismo. Porém, claramente é equivocada e antibíblica, pois a “grande prosperidade humana é a prosperidade do ser”.³⁵

²⁹ Regressão: prática psicoterapêutica (...) na qual se evoca sentimentos, traumas, tensões que ficaram retidos no inconsciente (...) para desprender energias (libido). In. LIMA, 2000, p. 45.

³⁰ **Apostila Manual de Realização do Encontro**, p. 83-84. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/66091696/apostila-encontro>. Acesso em: 02 jun. 2021.

³¹ LIMA, 2000, p. 48.

³² LIMA, 2000, p. 57.

³³ CASTELLANOS, 2006, p. 29.

³⁴ CASTELLANOS, 2006, p. 92.

³⁵ LIMA, 2000, p. 68.

4. *Guerra espiritual*: mesmo existindo uma batalha espiritual na terra, os precursores deste movimento têm transformado esse “espiritual” em um assunto fascinante, de grandes exageros, dado que associam a maioria dos acontecimentos da realidade em estruturas totalmente espirituais, gerando certas neuroses da sensibilidade extrassensorial.

5. *Cura interior*: como prática distorcida, “tem sido a mais devastadoras de todas”³⁶ em razão de, novamente, excessos ao aplicar a cura interior, o que resulta na confusão de figuras (por exemplo, relaxamento muscular com bem-estar espiritual; perdão com regressão, herança familiar- espíritos familiares; maldições). A prática é perigosa, já que lança mão da regressão, mas “a salvação de Jesus é plena”.³⁷

6. *Maldição Hereditária*: o movimento confunde claramente o “juízo (maldição) de Deus, que já foi cancelado pela morte expiatória de Jesus no Calvário, com fetiches humanos resultantes de superstição”.³⁸ Conforme ao Manual de Encontros:

A herança espiritual é uma realidade e satanás sempre aguarda uma brecha para vir e destruir sua vida. Aqui no Encontro toda herança maldita será renunciada, e todo o argumento do diabo será cancelado. Um homem chorava pelo filho que era maconheiro e lamentava-se dizendo que em sua família ninguém tinha feito isso antes. Mas o pai não se dava conta de que ele semeou isso sendo um fumante. Havia um pecado em sua vida: o vício. A maldição do vício era a mesma, só mudou a droga. É preciso que haja, antes, arrependimento pelo pecado do vício do cigarro. A maldição hereditária vem por níveis diferentes e, através das gerações, ela manifesta-se no mal corrente da época (Ex 20:5b).³⁹

Diante desta exposição, é possível concluir que este movimento é um claro causador de grandes divisões entre as igrejas evangélicas.

1.3 O Movimento de Discipulado Apostólico (MDA)

Por seu lado, o MDA (ou modelo de discipulado um a um) teve seu início oficial no ano de 1999 e as peças-chaves do modelo foram o pastor Abe Huber e seu ministério na Igreja da Paz de Santarém, logo também na Igreja de Fortaleza:⁴⁰

Eu me lembro que fui para o púlpito e mais uma vez falei, olhando para os poucos irmãos presentes, mas vendo uma grande multidão: “Quero pedir a esta grande multidão ficar em pé”. Perseverando nesta visão, logo o número de convertidos começou a crescer de forma explosiva.⁴¹

³⁶ LIMA, 2000, p. 83.

³⁷ LIMA, 2000, p. 86.

³⁸ LIMA, 2000, p. 91.

³⁹ Manual de Encontros, p. 35.

⁴⁰ HUBER, Abe. **Discipulado um a um**: crescimento com qualidade. 2. ed. Fortaleza: Premius, 2012, p. 1 et. seq.

⁴¹ HUBER, 2012, p. 47.

O MDA define a célula como “grupo constituído de seis a dezesseis pessoas reunindo-se semanalmente para aprender como tornar-se uma família, adorar ao Senhor, edificar a vida espiritual uns dos outros, orar uns pelos outros e levar pessoas ao Evangelho”⁴². Um conceito nada diferente dos outros modelos, que somente difere na quantidade de pessoas. Vale ressaltar que as funções da célula MDA são também similares aos modelos de visão celular:

- 1) Evangelismo e Integração;
- 2) Pastoreio e discipulado;
- 3) Comunhão;
- 4) Treinamento de Líderes;
- 5) Crescimento e multiplicação.

No entanto, esse foi um modelo contextualizado e aperfeiçoado para a Igreja da Paz de Santarém, como bem explica Abe Huber,⁴³ mas que logo foi ganhando forças em outras cidades do Brasil. É por isso que dentro da estrutura do MDA pode-se observar uma série de características próprias, como o fator Barnabé e as microcélulas.

O fator Barnabé tem como alvo integrar uma pessoa na igreja local, uma concepção nova dentro do modelo celular. Integrar é “fazer que uma pessoa se sinta peixe dentro d’água”.⁴⁴ O personagem bíblico Barnabé é usado aqui como exemplo de discipulado e formação de novos líderes.

Por sua vez, as microcélulas (também chamadas de “discipulado pessoal”) ocorrem quando uma célula é subdividida em outra de duas pessoas, “uma discipulando a outra”.⁴⁵ É a menor representação possível da igreja, uma igreja com dois membros. O MDA acredita no princípio do discipulado um a um (não apenas células de discipulado).

O MDA considera cada líder de célula como um pastor, “uma ferramenta poderosa na mão de Deus para o avanço do Seu Reino aqui na Terra”,⁴⁶ que busca em cada programa relacionamentos e valores bíblicos,⁴⁷ além de uma comunhão genuína. Porém, esse líder não está sozinho, ele presta contas da sua vida para alguém, já que todo crente precisa ter alguém a quem ele está ensinando, mas também precisa ter alguém que tem autoridade sobre ele.⁴⁸

Usamos tanto métodos como estratégias diferentes. Mas, desde o início do nosso trabalho em Santarém, Deus nos mostrou que o segredo não seria um método de

⁴² HUBER, Abe; GOMEZ, Ivanildo. **Treinamento de Líderes de Células**: ferramentas e instruções para a formação integral de líderes de células bem-sucedidos. Fortaleza: Premius, 2010, p. 23.

⁴³ HUBER, 2012, p. 17 et. seq.

⁴⁴ HUBER, 2012, p. 76.

⁴⁵ HUBER, 2012, p. 62.

⁴⁶ HUBER, 2010, p. 149.

⁴⁷ HUBER, 2010, p. 89.

⁴⁸ HUBER, 2010, p. 33 e 38.

evangelismo. Não seria uma estratégia de evangelismo. Sabíamos que o segredo de alcançar as pessoas e ganhar as vidas para Jesus [...] seria através da vida de Deus dentro de cada cristão.⁴⁹

1.4 Considerações

Os movimentos mencionados anteriormente são realmente similares na sua estrutura e estratégia celular. Tanto é que elas foram inspiradas umas nas outras, chegando a estar intrinsecamente relacionadas. O líder colombiano confessou:

Há alguns anos que estivemos com o Dr. Cho na Coreia. Conversando com ele, sua primeira pergunta foi: "O que é G12? Porque muitos pastores na Coréia vieram me perguntar". Então lhe dissemos: "Pastor Cho, ninguém pode desconhecer que o pai da igreja celular é você. Nós fomos inspirados na visão que Deus deu a você."⁵⁰

Além dele, Comiskey, uma autoridade da igreja em células, considera Cesar Castellanos como um grande líder (um dos melhores) e ajudador nos ministérios de outros líderes.⁵¹ Identicamente, foi o Dr. Neighbour quem fez a introdução do livro "*Discipulando um a um*", de Abe Huber.⁵² E o mesmo pastor Abe Huber declara ter estudado os outros modelos antes de ter gerado o "modelo que Deus queria que fosse implantado em Santarém".⁵³

No entanto, o problema maior destes três modelos não são as suas similaridades, mas sim o exclusivismo (já que foram outorgados unicamente por visões e como solução ao crescimento da igreja atual) e a ambição pessoal de seus líderes. Nota-se isso nos seguintes textos:

Deus me mostrou o Dr. Cho correndo, vestido com roupas de atleta e com uma tocha em sua mão. Era como uma carreira de substituições. Correndo chegou até onde eu estava e me entregou a tocha, então o Espírito me disse que essa era a tocha da multiplicação. Logo depois desta visão, multiplicamos as células que passaram de mil e duzentas para quatro mil em seis meses. Deus honra as autoridades, por isso disse o Moisés que orasse por Josué, a quem seria o seu sucessor, porque necessitava de sua mesma unção.⁵⁴

Porque a igreja que você irá pastorear será tão numerosa quanto as estrelas do céu, e como a areia do mar, de multidão que não se poderá contar". E logo o Senhor me perguntou: "Que igreja você gostaria de pastorear?". Imediatamente fiquei olhando a areia do mar e o milagre aconteceu: vi como cada grão de areia se transformava e se convertia em uma pessoa.⁵⁵

⁴⁹ HEBER, 2012, p. 69.

⁵⁰ CASTELLANOS, 2006, p. 86.

⁵¹ COMISKEY, 2002, p. 46-47.

⁵² HUBER, 2012, p. 2-3.

⁵³ HUBER, 2012, p. 49.

⁵⁴ CASTELLANOS, 2006, p. 87.

⁵⁵ CASTELLANOS, 2006, p. 22.

Realmente acho que o crescimento Internacional da Igreja supre as necessidades da igreja na década dos anos 80. Esta vai ser a era do crescimento da igreja [...] os anos 70 foram a era do movimento carismático. Agora é tempo de crescimento da igreja.⁵⁶

John Stott declara que “somos chamados para um sábio discernimento: instruídos por uma perspectiva bíblica, para que sejamos apreciadores do legado do passado e responsáveis pela disposição presente”.⁵⁷

O exclusivismo e os ensinamentos destes modelos devem ser avaliados e reavaliados. E agora, por que o título do capítulo “o modelo celular e sua repercussão”? Baseou-se na observação que o G-12 fez sobre os outros modelos de visão celular (a igreja em células e o MDA), já que houve uma transformação depois do seu surgimento: antes eles eram bem aceitos pelas igrejas no mundo. Porém, depois os modelos de visão celular foram relacionados pelas similaridades e laços com o G-12, igualando-os e chegando a ser confundidos e rejeitados (como foi mencionado anteriormente). Assim, a repercussão e a implementação do movimento G-12 foi negativa para a visão celular, sendo suficiente para ser definida como uma grave “distorção teológica”.⁵⁸

⁵⁶ CHO, 1985, p. 113.

⁵⁷ *Apud* LEITE FILHO, Tácito da Gama. **Seitas Neopentecostais**. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991, p. 14.

⁵⁸ LIMA, 2000, p. 9.

2. A IGREJA DO NOVO PARADIGMA

Para explorar convenientemente os modelos com um novo paradigma, será útil compreender o significado deste termo. A palavra “paradigma” deriva do grego “*paradigma*” e significa “modelo” ou “padrão”⁵⁹. Wills Harmon⁶⁰ define a palavra como: “Conjunto de regras e regulamentos (explícitos e não explícitos) que fazem duas coisas: (1) estabelecem limites ou fronteiras; (2) nos dizem como devemos nos comportar dentro destes limites de forma a sermos bem-sucedidos”.⁶¹

Ed René Kivitz conclui que, quando se fala de paradigmas, estamos de frente a “fronteiras dentro das quais o sucesso deve ser construído e as soluções para os problemas encontrados”, são “verdades que se fixaram na mente e que indicam um jeito de ser, viver e fazer as coisas”.⁶²

À vista disso, os seguintes subpontos abordarão os modelos de Rede ministerial e o modelo da Igreja com propósitos.

2.1 Rede Ministerial

2.1.1 Características do modelo

“Pessoas certas... nos lugares certos... pelas razões certas” é o lema da estratégia da Rede ministerial, cujo desenvolvimento gera um dos “mais significativos impactos de crescimento espiritual na história da Igreja de *Willow Creek*”.⁶³

A estratégia que buscamos intuitivamente por muitos anos tomou forma quando escrevi um dia em um lenço de papel na Califórnia. Cada crente em Willow Creek procura o seu projeto para cumprir a sua missão. Nós o chamamos de nossa estratégia de sete passos, e ela é parte de nossa 'marca do polegar de Deus' como igreja.⁶⁴

Bill Hybels⁶⁵ afirma que tem descoberto que os santos crescem quando servem nas áreas de seus respectivos dons, e na singularidade com que Deus os fez.⁶⁶ Porém, em certos textos, os fundadores do movimento confessam ter sido inspirados pelo teólogo e escritor Peter Wagner em assuntos como dons espirituais e edificação da igreja.⁶⁷

⁵⁹ KIVITZ, Ed René. **Quebrando paradigmas**. São Paulo: Abba Press, 2000, p. 11.

⁶⁰ É o homem-chave do Standford Research Institute.

⁶¹ BARKER, 1992, p. 32, apud KIVITZ, 2000, p. 11.

⁶² KIVITZ, 2000, p. 12.

⁶³ BUGBEE, Bruce; COUSINS, Dom; HYBELS, Bill. **Rede ministerial**: pessoas certas... nos lugares certos... pelas razões certas... Guia do consultor. Tradução de Bill Hybels. São Paulo: Vida, 1996, p. 5.

⁶⁴ HYBELS, Lynne. **Redescobrimo a igreja**: a história e a visão da Willow Creek Community Church. Tradução de Bill Hybels. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 232.

⁶⁵ Bill Hybels foi durante muitos anos o pastor titular da Willow Creek Community Church.

⁶⁶ BUGBEE, 1996, p. 5.

⁶⁷ BUGBEE, 1996, p. 5.

Em 12 de outubro de 1975, a igreja se reuniu pela primeira vez, no Teatro de Willow Creek, em Palatine, Illinois. Em 1977, a igreja comprou 90 hectares em South Barrington e construiu seus edifícios. Desde então, a igreja dobrou de tamanho e a propriedade expandiu-se para 155 hectares, atraindo dezenas de milhares de pessoas aos finais de semana.⁶⁸

Além disso, criaram a Associação Willow Creek que agrupa milhares de igrejas ao redor do mundo, inclusive no Brasil. Uma igreja que se envolve com este modelo deve “flexibilizar sua estrutura de ministérios bem como seu quadro de líderes e voluntários”, com o objetivo de “colocar cada membro em seu lugar certo, de modo que alcance seu máximo potencial dado por Deus”.⁶⁹

Percebe-se com clareza que o alvo da rede ministerial é de “auxiliar os crentes a serem frutíferos e realizados em um ministério significativo”.⁷⁰ Assim, a contribuição de cada crente será única e pessoal no Corpo de Cristo usando como meio a sua paixão, seus dons espirituais e seu estilo pessoal. Por outro lado, a igreja realiza uma “reengenharia organizacional”, para que ela seja estruturada de acordo com os dons espirituais dos seus membros.

Uniformemente, Bugbee explana cada ponto essencial para esta estratégia:⁷¹

1) *Contribuição singular*: representa a expressão da singularidade de cada cristão. O caráter pessoal, “Deus o fez e o capacitou para desempenhar funções ministeriais”.

2) *Paixão*: significa servir em um ministério para o qual a pessoa tem “especial entusiasmo e envolvimento emocional”.

3) *Dons espirituais*: para realizar funções que utilizam os dons espirituais concedidos a cada pessoa.

4) *Estilo pessoal*: o desempenhar de uma função relacional em uma área que desperta e estimula o interesse na pessoa é gratificante (e não se torna esgotante). “Servos servem melhor quando seus papéis ou atividades expressam as preferências dadas por Deus”.⁷²

2.1.2 Estratégias

Nas palavras de Hybels acima citadas, na referência 64, sua “marca do polegar de Deus como igreja”⁷³ compreende sete passos, descritos a seguir:

Passo 1- Construir relacionamentos com um incrédulo: ou seja, uma evangelização relacional, já que se encoraja os crentes a construir relacionamentos com as pessoas que não

⁶⁸ MUZIO, Rubens. **O DNA da igreja**: comunidades cristãs transformando a nação. Curitiba: Esperança, 2010. p. 144.

⁶⁹ MUZIO, 2010, p. 144.

⁷⁰ BUGBEE, 1996, p. 11.

⁷¹ BUGBEE, 1996, p. 11.

⁷² BUGBEE, 1996, p. 23.

⁷³ HYBELS, 2003, p. 233-249.

são religiosas com a finalidade de guiá-las para Jesus.

Passo 2- Compartilhar um testemunho verbal: estando com os incrédulos, o Espírito Santo irá abrir uma porta com a oportunidade para evangelizar, e cada crente deve saber como responder aos questionamentos que virão. De tal modo, deve-se ensinar às pessoas a praticar verbalmente o seu testemunho sobre como Cristo transformou as suas vidas.

Passo 3- Preparar uma reunião só para interessados: tudo nessa reunião é destinado especificamente para as pessoas familiarizadas com a igreja e envolve toda a congregação na evangelização pessoal.

Passo 4- Frequentar um culto para crentes: no qual os crentes são nutridos, encorajados e desafiados tendo um foco ideal e diferente da reunião de interessados.

Passo 5- Juntar um pequeno grupo: como um “lugar de lealdade e compaixão, comprometimento e cuidado, oração e sacrifício mútuo”.⁷⁴ Cada pessoa precisa ser conectada a um pequeno grupo de crentes.

Passo 6- Descobrir e desenvolver o seu dom espiritual: todos os cristãos possuem, ao menos um dom espiritual específico, e uma vez que esse dom é descoberto tenta-se encaixar a pessoa numa posição dentro dos ministérios da igreja. Assim, as pessoas servem com alegria e longevidade, com satisfação na alma ao realizar os seus ministérios.

Passo 7- Honrar a Deus com seus recursos: “Um coração humano precisa ser transformado antes que a carteira de uma pessoa venha a refletir plena devoção a Deus”.⁷⁵ A mordomia de finanças é uma questão de coração.

2.2 Igreja com Propósitos

Partindo dos princípios da Igreja *Saddleback*, pastoreada por Rick Warren, surge o movimento da “Igreja com propósitos”:

A Saddleback tem servido como um laboratório e aqui está o nosso relato. Como em uma pesquisa de laboratório, nós experimentamos todos os tipos de técnicas, estratégias de alcance, ensinamentos, treinamentos e envio de missionários, e os resultados têm sido gratificantes, tudo isso para a glória de Deus⁷⁶.

Muito pouco do ministério da Igreja *Saddleback* foi planejado. Quando dei início ao trabalho, não tinha nenhuma estratégia de longo prazo. Sabia que Deus me havia chamado para implantar uma igreja fundamentada nos cinco propósitos do Novo Testamento. Tinha a cabeça cheia de ideias e queria experimentar todas elas. Cada inovação que desenvolvíamos era simplesmente uma resposta às circunstâncias. Não planejei nada. A maioria das pessoas pensam que ‘visão’ é a capacidade de ver o futuro. Mas num mundo de mudanças rápidas como hoje, visão é também a

⁷⁴ HYBELS, 2003, p. 243.

⁷⁵ HYBELS, 2003, p. 249.

⁷⁶ WARREN, Rick. **Uma igreja com propósitos**. Tradução de Carlos de Oliveira. São Paulo: Vida, 2001, p. 22.

capacidade de ver as oportunidades dentro das suas circunstâncias atuais. Visão é estar atento às oportunidades.⁷⁷

Os adeptos do novo modelo sustentam que igrejas fortes são construídas sobre propósitos. Por esta razão, o “ponto de partida de cada igreja deve ser a questão: “Por que existimos?””.⁷⁸ Rick Warren afirma que o modelo bíblico para o crescimento de igrejas é a igreja dirigida por propósitos.⁷⁹

Se você quiser construir uma igreja capaz de crescer saudável e forte, precisa investir em uma fundação sólida. é necessário esclarecer a todos os envolvidos o porquê da existência da igreja e o que ela deve fazer. É fantástico o efeito de uma declaração de propósito bem elaborada. Se for concisa o suficiente para que todos possam lembrar, produzirá cinco grandes benefícios para sua igreja.⁸⁰

Outra ênfase importante neste modelo sobre o(s) propósito(s) da igreja é o processo que orienta o desenvolvimento eficaz. Assim, em uma primeira instância, a igreja deve definir o(s) propósito(s) seguindo as cinco missões universais que Jesus deixou à sua igreja:

- 1) Amar a Deus de todo coração;
- 2) Amar a seu próximo como a si mesmo;
- 3) Ir e fazer discípulos;
- 4) Batizar;
- 5) Ensinar a obediência;

Definido o propósito e feita uma declaração a partir dele, o modelo se encaminha para a fase de comunicar, organizar e aplicar:

Comunicar → Transmitir essa declaração aos membros para que “cada membro consiga explicar os propósitos para outras pessoas”.⁸¹

Organizar → Usar cada propósito de maneira equilibrada. Para isso, Warren expõe os círculos de compromisso com o objetivo de mover as pessoas do círculo externo ao interno, “levar as pessoas da comunidade para o núcleo”.⁸²

⁷⁷ WARREN, 2001, p. 31-32.

⁷⁸ WARREN, 2001, p. 85.

⁷⁹ WARREN, 2001, p. 84.

⁸⁰ WARREN, 2001, p. 88.

⁸¹ WARREN, 2001, p. 120.

⁸² WARREN, 2001, p. 131.

FIGURA 2: Círculo de Compromisso



Fonte: WARREN, 2001, p. 132.

Aplicar → Conseguir com que cada propósito faça parte de qualquer área e aspecto da vida da igreja.

Na tentativa de aplicar os propósitos em cada área da igreja, você perceberá que ela está ficando cada vez mais forte. Em vez de ficar criando programas para manter o povo motivado, você pode se concentrar apenas nos pontos essenciais. A aprendizagem se faz pelos erros e pelos acertos. Se propósitos imutáveis guiam sua igreja, você pode melhorá-los a cada ano. Quanto mais membros entenderem e se comprometerem com os propósitos, mais forte sua igreja irá se tornar.⁸³

Este modelo de igreja é funcional: “a solução para os problemas atuais encontra-se na reestruturação e na reengenharia dos ministérios”.⁸⁴ No Brasil, a Primeira Igreja Batista de São José dos Campos (SP) está à frente desse movimento, organizando cursos de capacitação e conferências.⁸⁵

Terminada a explanação dos modelos acima citados, é importante abordar agora o limite existente dentro delas, o movimento *seeker-sensitive*, que será abordado no ponto seguinte.

2.3 O perigoso pensamento seeker-sensitive

O termo “*seeker-sensitive*” pode ser literalmente traduzido como “sensível àquele que está buscando”, um conjunto não uniforme de metodologias de crescimento de igrejas. Outro

⁸³ WARREN, 2001, p. 153-154.

⁸⁴ MUZIO, 2010, p. 142.

⁸⁵ MUZIO, 2010, p. 140.

também é o *market-driven church* – igreja direcionada pelo mercado ou, ainda, *seeker-friendly*: amigável para com os que buscam.⁸⁶

Esse movimento está ligado ao evangelicalismo contemporâneo nos Estados Unidos, que, diferentemente das igrejas históricas, busca se definir pelo mínimo denominador comum, deixando de lado distintivos teológicos e doutrinas potencialmente divisivas.⁸⁷

Uma das temerosas causas é o pluralismo que está forçando a igreja a se adaptar. Esse pluralismo se traduz em inúmeras visões, estilos de vida, valores e credos que obrigam as pessoas a buscar alguma coisa a mais. Na pós-modernidade “as igrejas não são mais toleradas no exercício das funções religiosas de antigamente”.⁸⁸ Esse pensamento, para as igrejas, é como uma faca de dois gumes: por um lado, promove a revitalização das igrejas, mas por outro pode gerar nelas uma mentalidade de mercado ou bem, um “*seeker-sensitive*” e por consequência, um “adapcionismo excessivo”⁸⁹ e a relativização dos valores.⁹⁰

Segundo Neto, algumas das maiores igrejas incluídas nesse pensamento são a *Willow Creek Community Church* e a *Saddleback Church*. Seguindo a mesma linha, Gondim, em sua obra⁹¹, expôs Hybels ao afirmar que o líder adequou sua igreja para as necessidades do mercado:

Primeiro, pesquisou na zona mais rica de Chicago para descobrir qual o tipo de igreja aquele segmento desejaria frequentar. Descobriu que a maioria ansiava por um espaço *ligh*t, sem legalismo, com uma abordagem bem descontraída e com muita programação e pouca falação.⁹²

Vale esclarecer que existe uma linha muito tênue entre o pensamento “*seeker-sensitive*” e a igreja emergente.⁹³ Existem também alguns autores que enquadram esses dois modelos dentro do movimento da igreja emergente; sobre esse assunto não se entrará em detalhes, por tratar-se de discussões técnicas irrelevantes para este trabalho de pesquisa.

⁸⁶ NETO, Emilio Garofalo. **Antes só do que mal acompanhada: o risco de casar-se com o espírito de seu tempo** – uma análise das propostas de revitalização de igreja dos movimentos *seeker-sensitive* e emergente. Fides Reformata XI, n. 1, 2006. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/5-Igreja-emergente-a-igreja-do-p%C3%B3s-modernismo-Uma-avalia%C3%A7%C3%A3o-provis%C3%B3ria-por-Mauro-Meister.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

⁸⁷ NETO, 2006, p. 44.

⁸⁸ GONDIM, Ricardo. **Fim de milênio: os perigos e desafios da pós-modernidade na igreja**. São Paulo: Abba Press, 1999, p. 67.

⁸⁹ GONDIM, 1999, p. 69 *apud* BERGER.

⁹⁰ MUZIO, 2010, p. 151.

⁹¹ GONDIM, 1999, p. 65 et. seq.

⁹² GONDIM, 1999, p. 65-66.

⁹³ Seus precursores são Dan Kimball, D. A Carson, entre outros. Movimento que tem como finalidade alcançar a geração pós-moderna, a igreja que está emergindo.

Contudo, é necessário observar o grande perigo em que se encontram esses modelos já que, por vez, “temendo que o evangelho estivesse se tornando irrelevante neste mundo moderno, decidiram oferecer uma igreja em que o visitante fosse tratado como um consumidor de produtos ou um espectador de grandes produções midiáticas”.⁹⁴ Por conseguinte, isso gera uma perda significativa da identidade, pois já não são mais organismos vivos e únicos, mas sim, instituições na disputa pelo mercado.

Se a Willow Creek Community Church adaptava-se deliberada e programaticamente as exigências de sua clientela (...) demonstrava que as forças da pós-modernidade exercem um poder avassalador sobre todas as instituições sociais, inclusive a própria igreja.⁹⁵

2.4 Considerações

De todo o referido anteriormente pode-se depreender o título deste capítulo, “Igreja do novo paradigma”. Observa-se que, seguindo o pensamento dos autores, o novo paradigma significa mudanças, “quando alguém descobre um jeito diferente de encarar ou fazer alguma coisa”.⁹⁶

Por muito tempo se entendia que o crescimento das igrejas refletia no número quantitativo de alcançados (ou seja, num crescimento numérico). A saúde de uma igreja local, organização missionária ou denominação deve traduzir-se segundo o resultado numérico. Um dos precursores da ótica numérica é Donald McGavran⁹⁷: “A abordagem numérica é essencial para entender o crescimento da igreja. A Igreja é constituída de pessoas contáveis e não há nada particularmente espiritual em não as contar”⁹⁸, uma perspectiva bem empresarial de igreja.

Não obstante, essa não foi a única perspectiva sobre o assunto. Miranda acrescenta o crescimento qualitativo ao falar da importância do crescimento nas áreas espiritual, corporativa e social⁹⁹. Bosch, seguindo a linha de Miranda, inclui o envolvimento integral das pessoas no ambiente de convívio:

(...) a ‘realização’ da missão ou da evangelização mede-se, muitas vezes ou exclusivamente, em termos de atividades ‘religiosas’ ou ‘transcendentes’ ou de conduta no nível microético, como a abstinência do tabaco ou de um linguajar blasfemo. Frequentemente, isso também significa um abandono do engajamento nas questões sociais predominantes em uma determinada comunidade. Onde isso

⁹⁴ NETO, 2006, p. 44.

⁹⁵ GONDIM, 1999, p. 66.

⁹⁶ KIVITZ, 2000, p. 12.

⁹⁷ É considerado o pai do Movimento Crescimento da Igreja em virtude de seu livro “Compreendendo o Crescimento da Igreja” (MIRANDA, Juan Carlos. **Manual de crescimento da igreja**. Tradução de Carmella Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1991. p. 11).

⁹⁸ McGAVRAN, Donald. **Compreendendo o crescimento da igreja**. São Paulo: Sepal, 2001. p. 111.

⁹⁹ MIRANDA, Juan Carlos. **Manual de crescimento da igreja**. Tradução de Carmella Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1991. p. 17-18.

acontece, uma explosão do número de conversos, pode, de fato, constituir uma forma velada de escapismo e, assim, zombar das verdadeiras reivindicações da fé cristã.¹⁰⁰

René Padilla, por sua vez, rejeitando rotundamente os números, expressa que a “excessiva ênfase nos números chega a ser numerolatria”¹⁰¹. Wagner relaciona o crescimento com tudo o que “está envolvido em levar homens e mulheres que não possuem um relacionamento pessoal com Jesus Cristo à comunhão com ele e a uma participação responsável como membros de uma igreja”.¹⁰²

Apesar do perigo, nota-se que nos dois modelos apresentados neste capítulo incorpora-se um novo foco na procura pelo crescimento da igreja, um novo paradigma. Embora não tenham abandonado o crescimento numérico nem o qualitativo-integral, dão outra grande ênfase ao significado de crescimento: na Rede ministerial, ressaltando a edificação da igreja por meio da descoberta dos dons e, no modelo da Igreja com propósitos, o crescimento é dirigido pela compreensão dos propósitos da igreja. Tiveram considerável sucesso na igreja de *Willow Creek* e na igreja de *Saddleback*, porém, desenvolveram certas dificuldades na hora de aplicar em qualquer igreja local.

O assunto está longe de terminar neste capítulo, pois existem outros modelos e pensamentos que lançaram novos paradigmas ao mundo do MCI (Movimento de Crescimento de Igreja). No capítulo seguinte será feita uma referência específica sobre o Desenvolvimento natural da igreja e a Igreja multiplicadora.

¹⁰⁰ BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 458.

¹⁰¹ MIRANDA, 1991, p. 45 apud PADILLA, 1971, p. 102-104.

¹⁰² WAGNER, C. Peter. **Estratégias para o crescimento da igreja**. São Paulo: Sepal, 1991, p. 124.

3 PRINCÍPIOS DE CRESCIMENTO

Muito se fala de modelos, porém pouco de princípios. Um erro repetidamente cometido nas igrejas. Percebe-se que princípios são valores universais presentes em todas as igrejas de Cristo, estabelecidos pelo próprio Deus, enquanto que um modelo, “nada mais é do que preferências humanas”.¹⁰³ Porém, falho por ser criado por homens.

Ao seguirmos um modelo, estamos tentando transportar o programa de uma igreja de sucesso (geralmente uma megaigreja) para a nossa situação. Esse procedimento é fascinante porque quase conseguimos ‘pegar com as mãos’ aquilo que está faltando na nossa igreja. Quando somos orientados por um princípio isso é diferente. Aqui também estamos partindo do ponto de que é possível aprender muito de modelos que deram certo na prática. Entretanto, em vez de nos limitarmos a um modelo, examinamos centenas de igrejas-modelos diferentes, grandes e pequenas, para descobrir quais dos elementos das igrejas pesquisadas têm validade universal (ou seja, são válidos para todas as igrejas) e também para descobrir quais elementos são talvez interessantes, mas, de forma alguma, princípios válidos para o efetivo crescimento de todas as igrejas. Os princípios a que se chega por meio dessa dedução são, então, em um segundo passo, aplicados à situação concreta de outra igreja. Esse passo duplo de dedução e aplicação para cada caso do princípio faz com que o procedimento baseado em princípios seja, em comparação com a imitação de uma igreja bem-sucedida, uma forma menos atraente aos olhos de muitos cristãos.¹⁰⁴

Subsequentemente, o conteúdo do capítulo irá desenvolver-se sobre igrejas que norteiam seu crescimento baseados em princípios, quebrando assim outros paradigmas existentes até o momento.

3.1 Desenvolvimento Natural da Igreja (DNI)

Com a finalidade de diagnosticar o crescimento nas igrejas, Christian A. Schwarz e Christoph Schalk, junto com a Universidade em Würzburg (Alemanha), iniciaram um levantamento de dados que incluía mais de 1000 igrejas, em 32 países.¹⁰⁵ Os resultados da pesquisa foram registrados no livro *DNI O desenvolvimento natural da igreja*, surgindo assim este movimento que ajuda cada igreja a descobrir e desenvolver a individualidade que lhe foi dada por Deus.

Um diagnóstico confiável é a base para toda terapia com resultado positivo. Não existe um remédio miraculoso que ajude a todos os ‘pacientes’. O que é certo para um, pode ser errado para o outro. No Desenvolvimento Natural da Igreja, descobrir o perfil da igreja tem a mesma função do diagnóstico.¹⁰⁶

¹⁰³ MODES, Josemar Valdir. **Crescimento natural da igreja**: deixando a igreja ser igreja. Ijuí: FBP, 2009, p. 7.

¹⁰⁴ SCHWARZ, C. A. **O desenvolvimento natural da igreja**: guia prático para cristãos e igrejas que se decepcionaram com receitas mirabolantes de crescimento. Curitiba: Evangélica Esperança, 1996, p. 16-17.

¹⁰⁵ MUZIO, 2010, p. 147.

¹⁰⁶ SCHWARZ, Christian A.; SCHALK, Christoph. **A prática do desenvolvimento natural da igreja**. Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998, p. 9.

Ao tratar do crescimento da igreja, o DNI enfoca sua tese sobre três declarações importantes:¹⁰⁷

1. *Procedimentos orientados por princípios*: colocando-se contra o procedimento pragmático de que os fins justificam os meios.

2. *Qualidade de vida da igreja*: sem visar a quantidade, considera a qualidade como ponto de partida para o seu desenvolvimento.

3. *Processos automáticos de crescimento*: não tem como alvo fazer a igreja crescer, mas sim enfatizar em processos que Deus usa para edificar cada igreja.

Do mesmo modo, também destaca três termos-chave presentes em toda essa pesquisa:

- Modelo tecnocrático: quando as instituições, programas e modelos são *supervalorizados*.
- Modelo da espiritualização: quando as instituições, programas e modelos são *menosprezados*.
- Modelo natural: proposta teológica que é o fundamento do DNI.

O livro mencionado anteriormente será usado como guia de estudo e de explicação dos próximos subpontos.

3.1.1 O novo paradigma

Como foi citado acima, e para um maior aprofundamento, o DNI não é mais “um modelo de igreja. Mas sim a tentativa de formular princípios básicos aplicáveis ao seu crescimento, funcionando independentemente de cultura, tradição espiritual, denominação, modelo preferido pela igreja ou tamanho da igreja”.¹⁰⁸ Porém, o DNI trabalha com o paradigma da bipolaridade da igreja, “uma marca encontrada em toda a criação de Deus”,¹⁰⁹ como também na própria Bíblia. A lei da bipolaridade diz que uma ação sempre corresponde a uma reação¹¹⁰ e a existência de dois polos opostos que se relacionam e liberam um fluxo de energia tem influência sobre o princípio da auto-organização. São exemplos disso na natureza: a eletricidade, o magnetismo e a reprodução entre o homem e a mulher.

Nesse sentido, a Bíblia apresenta a igreja de Jesus como tendo essa mesma bipolaridade, fazendo referência tanto ao polo dinâmico, isto é, sua imagem orgânica, como ao polo estático, sua imagem técnica. Esses dois polos estão em uma “dupla relação”:¹¹¹ o polo dinâmico sempre

¹⁰⁷ SCHWARZ, 1996, p. 14.

¹⁰⁸ MUZIO, 2010, p. 149.

¹⁰⁹ SCHWARZ, 1996, p. 84.

¹¹⁰ SCHWARZ, 1996, p. 84.

¹¹¹ SCHWARZ, 1996, p. 85.

cria a organização (estrutura, instituição e regras), enquanto o polo estático estimula o organismo, o corpo. Se esse círculo estiver funcionando sem nenhuma interrupção, a relação entre os dois polos é altamente criativa.¹¹² A atuação do Espírito Santo estará presente junto com o crescimento eficaz, surgindo assim a estrutura do modelo natural defendido pelo DNI.

Porém, se a igreja se concentra somente em um dos dois polos, corre o perigo de conseguir quebrar o círculo. Assim, quando o polo estático se torna único (com um ponto de vista monista) surge o modelo tecnocrático, institucional de igreja. Por outro lado, quando o polo dinâmico é absolutizado surge a estrutura do modelo espiritualizado, que menospreza qualquer forma de organização ou programa da igreja destacando assim a sua imagem orgânica (este é o ponto de vista dualista).

Dessa forma, observa-se que para o DNI o monismo confunde os dois polos e os trata como sendo apenas um. No entanto, o dualismo desconecta um dos dois polos fazendo sobressair um deles e deixando de lado o outro. Os dois modelos apresentam perigo para a saúde da igreja pois “não são capazes de produzir uma visão bipolar”;¹¹³ como resultado, esses modelos geram paradigmas falsos que, infelizmente, são os mais difundidos dentro das igrejas:¹¹⁴ o paradigma tecnocrático e o paradigma da espiritualização.¹¹⁵

3.1.2 Marcas de qualidade

O DNI descreve as oito marcas de qualidade da igreja resultantes de sua pesquisa. Vale ressaltar que essas marcas precisam funcionar e devem também ser consideradas de modo interdependente, princípio que será abordado mais detalhadamente no subponto seguinte. São elas:

1. Liderança capacitadora: os líderes devem entender que a sua capacitação deve ser usada como um instrumento para capacitar os outros para o ministério. Eles “capacitam, apoiam, motivam, acompanham a todos individualmente para que se tornem aquilo que Deus tem em mente”¹¹⁶, além de investir a maior parte de seu tempo delegando, discipulando e multiplicando. É uma marca do “por si mesmo” já que leva naturalmente ao crescimento e à auto-organização.

¹¹² SCHWARZ, 1996, p. 85.

¹¹³ SCHWARZ, 1996, p. 86.

¹¹⁴ SCHWARZ, 1996, p. 89.

¹¹⁵ O paradigma tecnocrático está relacionado com a excessiva liturgia, com dogmas e sacralismo; baseando-se em mecanismos automáticos, numa fórmula mágica para resultados esperados. Em contrapartida, o paradigma da espiritualização encontra desnecessários os planejamentos, as regras e as instituições e vai pelo caminho do inconsciente, da intuição e dos sentimentos; coloca uma importância maior na ação do Espírito Santo sempre destacando que “Deus não leva em conta planejamento, programas e instituições”. In.: SCHWARZ, 1996, p. 88-91.

¹¹⁶ SCHWARZ, 1996, p. 22.

2. *Ministérios orientados pelos dons*: Deus determinou o que cada cristão pode fazer de melhor em um determinado ministério. Daí a importância do descobrimento do dom de cada cristão, pois assim ele já não trabalha pelas suas próprias forças, mas o Espírito Santo trabalha nele, sendo isso a adequação dos dons. Graças a essa marca, cada crente pode praticar o sacerdócio universal.

3. *Espiritualidade contagiante*: a pesquisa do DNI verificou que a espiritualidade entusiasmada e contagiante dos cristãos não depende de um estilo piedoso/carismático de vida nem de certas práticas espirituais (como a batalha espiritual ou orações litúrgicas), mas ocorre quando a igreja vive sua fé com paixão e entusiasmo; esse é o fator determinante que supera o legalismo e a tendência de “cumprir obrigações”. Os dois elementos fundamentais para esta marca são: uma vida de oração e o uso pessoal da Bíblia.¹¹⁷

4. *Estruturas eficazes*: aqui se fala sobre aquelas que possibilitam a multiplicação contínua do ministério. Os líderes estão continuamente formando novas lideranças e estão constantemente a serviço da vida e do organismo vivo da igreja.

Qualquer um que tenha baseado seu trabalho nessa estratégia está sempre testando as estruturas da sua igreja para ver o que pode ser feito para que elas sirvam sempre melhor ao organismo da igreja na sua auto-organização. Tudo que não alcança esse objetivo (por exemplo, liderança inibidora de novos líderes, horários e duração do culto inadequados, conceitos desmotivadores de administração das finanças) é mudado ou eliminado. Por meio desse processo constante de autorrenovação o surgimento de estruturas enrijecidas é evitado em grande parte.¹¹⁸

5. *Culto inspirador*: os cultos são celebrados de forma inspiradora, atraindo assim as pessoas “por si só”. A inspiração provém do Espírito Santo, gerando consequências sobre a organização e o ambiente do culto.

6. *Grupos familiares*.¹¹⁹ é uma marca universal de crescimento da igreja em que a multiplicação constante dos grupos influencia positivamente a qualidade e o crescimento numérico da igreja. Os grupos são lugares naturais em que os cristãos (com seus dons) aprendem a servir e têm como fator decisivo serem completos em si mesmos. Neles acontece “a transferência de vida ao invés do estudo de conceitos abstratos”.¹²⁰

7. *Evangelização orientada para as necessidades*: a pesquisa mostrou que a evangelização eficaz é aquela que está orientada para as necessidades das pessoas, pois ela leva

¹¹⁷ SCHWARZ, 1996, p. 26.

¹¹⁸ SCHWARZ, 1996, p. 28.

¹¹⁹ Ou também grupos pequenos holísticos (células ou familiares). In.: MUZIO, 2010, p. 148.

¹²⁰ SCHWARZ, 1996, p. 32.

muito em consideração os questionamentos e as necessidades dos incrédulos. A liderança conhece aqueles que tem o dom de evangelismo.

8. *Relacionamentos marcados pelo amor fraternal*: existe uma estreita relação entre a capacidade de amar de uma igreja e seu potencial de crescimento. Nas palavras de Schwarz, “igrejas que crescem têm, em média, um ‘quociente de amor’ mensurável mais elevado do que igrejas estagnadas ou em declínio”.¹²¹

3.1.3 Seus princípios

O DNI afirma que para que uma igreja funcione é necessário que sejam aplicadas a ela os princípios que agem na natureza:

1) *Interdependência*: na natureza todos os elementos estão relacionados e são interdependentes influenciando-se e regulando-se mutuamente. “A forma como as partes estão integradas no todo é mais importante do que cada parte”.¹²² Este princípio mostra que a igreja, ao trabalhar uma das áreas das marcas de qualidade, influenciará também as outras sete.

2) *Multiplificação*: o crescimento numérico ilimitado não é encontrado na natureza, já que em algum momento esse crescimento chega ao seu limite natural. Esse princípio influencia todas as áreas da vida da igreja: o fruto de um grupo não é ser apenas participante, mas sim produzir um novo grupo; o fruto de uma igreja é uma nova igreja; o fruto de um líder não é produzir apenas um seguidor, mas sim um novo líder; o fruto de um evangelista não é produzir apenas um convertido, mas sim um novo evangelista.¹²³ A igreja se perpetua pela multiplificação em todas as suas áreas.

3) *Transformação de energia*: na natureza todos os tipos de forças e energias existentes são direcionadas para um fim desejado. A compreensão desse princípio traz consequências muito benéficas na forma como os líderes lidam com as crises e catástrofes. A pergunta sempre deve ser: “Como posso utilizar esta situação para que haja benefício para o reino de Deus?”.¹²⁴ As igrejas que crescem aproveitam essas forças para o seu crescimento.

4) *Efeitos múltiplos*: na natureza, a folha da árvore não é descartada, mas se transforma em húmus e fornece nutrientes que alimentam a própria árvore. À medida que se aplica esse princípio nas igrejas, energias invertidas têm esses efeitos múltiplos.

5) *Simbiose*: a natureza nos ensina o princípio da simbiose, em que dois organismos recebem benefícios quando se associam. É por isso que a igreja que segue esse princípio se

¹²¹ SCHWARZ, 1996, p. 36.

¹²² SCHWARZ, 1996, p. 66.

¹²³ SCHWARZ, 1996, p. 68.

¹²⁴ SCHWARZ, 1996, p. 70.

preocupa tanto com as necessidades pessoais de cada cristão, assim como com as necessidades da igreja em si, ou seja, todos ganham sempre.

6) *Funcionalidade*: a natureza ensina que cada detalhe tem a sua função e que cada organismo vivo, de acordo com a sua capacidade, pode produzir frutos. No DNI as igrejas, assim como os organismos vivos, produzem frutos. E para conseguir verificar essa frutificação é necessário um “controle de sucesso” com a seguinte pergunta: “O que estamos decidindo fazer está de acordo com os princípios fundamentais do DNI?”.¹²⁵

3.2 Igreja Multiplicadora

Depois de apresentar o Desenvolvimento natural da igreja, importa focar na Igreja multiplicadora. Ela é outro exemplo de igreja marcada por princípios, chamados de princípios multiplicadores, estando presente no contexto da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil (CBPSB) e pensada pela Junta de Missões Nacionais (JMN).

A JMN está ligada à Convenção Batista Brasileira, e desde a sua criação em 25 de junho de 1907 tem levado dignidade a inúmeras vidas por meio do desenvolvimento de projetos sociais. Tendo Jesus Cristo como exemplo, atenta-se à dinâmica das necessidades da população brasileira e mantém mais de 400 projetos com 912 missionários que realizam ações evangelísticas e humanitárias, plantando igrejas e transformando vidas por todo o território do Brasil.¹²⁶

Logo que foi lançada a proposta, por volta do ano 2010¹²⁷, pôde-se observar que a Convenção Batista Pioneira não demorou muito tempo para aderir à esta perspectiva de crescimento, visto que as suas autoridades se encontravam a favor, nas próprias palavras do pastor Helmuth Scholl (2015):¹²⁸

Finalmente os batistas estão começando a entender que as igrejas do Novo Testamento não se contentavam em fazer novos membros da igreja, mas em multiplicar discípulos [...] Mas por que está demorando tanto a “cair a ficha”? Por que tão poucos, inclusive pastores, estão efetivamente engajados na prática de discipular discípulos? A resposta é simples: nos não fomos discipulados de verdade. Ou seja, nunca tínhamos um discipulador que fez isso conosco e nos ensinou a fazê-lo com outros. Por isso não aprendemos a fazê-lo, nem entendemos o verdadeiro valor. Em vez disso, a prioridade do ministério do pastor são os cultos, programas e todo tipo de atividades, por

¹²⁵ SCHWARZ, 1996, p. 77.

¹²⁶ Página inicial do site de Missões Nacionais. Disponível em: <https://missoesnacionais.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 29 mai 2021.

¹²⁷ SCHOLL, Helmuth. Multiplicação de Discípulos. **O Batista Pioneiro**: multiplicar em submissão a Jesus Cristo. Curitiba, n. 7, p. 2, jul/ 2015.

¹²⁸ Pastor e diretor adjunto da CBPSB.

melhores que sejam. Não é isso que acontece na maioria das nossas igrejas? Não esqueça: multiplicação de discípulos, nosso grande desafio!¹²⁹

Dando continuidade à pesquisa, se fará uma breve explanação baseada no livro *Igreja multiplicadora*¹³⁰, sem a intenção de apontar todos os detalhes, mas somente para caracterizá-la e localizá-la de forma geral. A Igreja Multiplicadora divide a sua visão de multiplicação intencional em cinco princípios bíblicos e aplicáveis em qualquer contexto:

O objetivo, portanto, da Visão de Igreja Multiplicadora é multiplicar discípulos e igrejas. Para isso, ela estrutura e organiza ações inter-relacionadas tendo por base estes cinco princípios: Oração, Evangelização Discipuladora, Plantação de Igrejas, Formação de Líderes e Compaixão e Graça. Na verdade, não é uma visão do líder específico ou de uma organização, mas as bases sobre as quais a igreja foi plantada, cresceu e se desenvolveu no período do Novo Testamento e chegou aos nossos dias.¹³¹

PRINCÍPIO 1- Oração: ou melhor, o princípio de conversar com Deus; é o início essencial de qualquer igreja multiplicadora, e deve ser primordial na vida do líder multiplicador para conseguir passar a mesma visão para a igreja. Brandão menciona os fundamentos e orientações para ter um momento de oração efetiva, como também desafia por meio de várias sugestões a igreja a orar (como são as caminhadas de oração, grupos e vigílias de oração, dez minutos de oração, cartão de oração, entre outras).¹³² Também se faz menção da oração por missões, como intercessores e cumpridores da Palavra de Deus, pois ela ressalta a sua importância para o desenvolvimento missionário.

PRINCÍPIO 2- Evangelização Discipuladora: ou seja, anunciar o Evangelho com o propósito de oferecer às pessoas uma oportunidade válida de crer em Jesus, tudo sempre estando baseado no poder do Espírito Santo, e com o propósito de glorificar o nome de Deus. Além disso, Brandão desenvolve a ênfase da Grande Comissão colocando em alta as três dimensões do Relacionamento Discipulador (RD):

1. Chamar as pessoas para seguir a Jesus;
2. Agregar discípulos (integração das pessoas nas comunidades dos crentes);
3. Aperfeiçoar discípulos ou apresentar todo homem como perfeito em Cristo.

Para a Igreja multiplicadora o discipulado é uma estratégia para evangelizar o mundo, e é também um processo que conta com um relacionamento discipulador e uma evangelização discipuladora (que implica orar, ir e anunciar).

¹²⁹ SCHOLL, 2015, p. 2.

¹³⁰ BRANDÃO, Fernando [Org]. **Igreja multiplicadora: 5 princípios bíblicos para crescimento**. Rio de Janeiro: Convicção, 2014. 200 p.

¹³¹ BRANDÃO, 2014, p. 23- 24.

¹³² BRANDÃO, 2014, p. 36ss.

PRINCÍPIO 3- Plantação de Igrejas: é o processo intencional de estabelecer uma comunidade local e autônoma de discípulos de Jesus, isto é, plantar igrejas. Como base para o processo tem-se a oração, a escolha de um grupo alvo, a assimilação e adequação à cultura, o relacionamento relevante com esse grupo alvo e, novamente, a evangelização discipuladora e o treinamento de líderes. A Igreja multiplicadora descreve minuciosamente o perfil de cada plantador de igrejas, que pode ser resumido na seguinte frase: “Todo crente comprometido com Jesus pode ser um plantador de igrejas independentemente de seu nível cultural ou social. Mas (ainda assim) é preciso observar algumas (outras) características indispensáveis”¹³³, dentre as quais pode-se mencionar:

1. Forte convicção de seu chamado para esse ministério;
2. Vida com Deus;
3. Integridade;
4. Espírito ensinável (deve ter disposição e humildade para aprender);
5. Paixão pelos perdidos;
6. Disposição para o trabalho;
7. Visão multiplicadora.

PRINCÍPIO 4- Formação de Líderes Multiplicadores: existe, como base, uma ampla gama de versículos que caracterizam o líder. Desse modo, Brandão consegue observar o líder como exemplo do conhecimento da Palavra, da vida de oração e da prática do amor. Todavia, como servo que necessariamente deve estar preparado e vestido com a armadura de Deus. O relacionamento discipulador é o ponto de partida para a formação de liderança tal como o exemplo do relacionamento de Pedro e Jesus, como também entre Paulo e Timóteo. Vale destacar que o processo de formação e desenvolvimento de liderança identifica-se com o compromisso e o incentivo de multiplicar líderes com a mesma visão multiplicadora.

PRINCÍPIO 5- Compaixão e Graça: realiza-se uma comparação da relevância da igreja primitiva na sua comunidade (existia uma comunhão entre os membros e com os de fora) com a questão da compaixão e graça nas igrejas atuais. O segredo encontra-se na compaixão e na graça, pois esses dois perfis da igreja implicam diretamente na multiplicação de discípulos. Deste modo, ressalta-se a mobilização da igreja por meio de projetos sociais, oração e interesse real pelas pessoas.

¹³³ BRANDÃO, 2014, p. 109.

3.3 Considerações

Terminado este capítulo é considerável reafirmar que os princípios que o DNI e a Igreja Multiplicadora propõem para as igrejas são universais e, portanto, asseguram sua aplicabilidade em qualquer contexto.¹³⁴

Muzio, por sua vez, faz a seguinte pergunta: então, qual é a diferença entre esses tipos de igreja estudadas nesse capítulo e as outras firmadas em modelos?¹³⁵ A resposta é: nenhuma! A resposta parece ser desconcertante, porém ela contém uma lógica clara. Para o autor, princípios e modelos são parâmetros diferentes: “cada modelo de igreja depende exatamente dos fatores designados no DNI”¹³⁶ (e nos princípios multiplicadores) já que “ajudam as igrejas locais nos seus esforços de desenvolvimento sustentável em qualidade e quantidade”.¹³⁷ Por exemplo, esses princípios ajudam a igreja do MDA ou a da Rede ministerial a se tornar igrejas melhores ou mais saudáveis.

Os parâmetros também abordam que princípios são universais, e os modelos são limitados em um espaço-tempo. Em todo o mundo e ao longo das diferentes épocas surgiram modelos que tiveram seu apogeu durante alguns anos e que logo deram lugar para outros modelos emergentes que se adaptavam à nova realidade social. Parafraseando, contextualizando e acrescentando à frase da doutora Harriet W. Krüger “As grandes crises (sociais ou ministeriais) que se introduzem dentro das igrejas geram grandes *ditadores*”¹³⁸ que constroem novos métodos de crescimento para elas. Foi exatamente isso o que aconteceu com os pastores Castellanos, Cho, Warrem, Hyllbes, e muitos outros.¹³⁹ No entanto, esses princípios precisam ser aplicados de alguma forma na igreja local, seja gerando novos modelos ou adaptando-se a modelos existentes deixando florescer somente sua essência.

Nota-se também que há dois anos falava-se bastante do modelo da Igreja Emergente (e outras como a *Tribal Generation*)¹⁴⁰ e sua revolução no campo do crescimento de igrejas.¹⁴¹ No entanto, uma pandemia inesperada sobreveio o mundo inteiro, trocando o foco e a cosmovisão

¹³⁴ WARREN, 2001, p. 74.

¹³⁵ MUZIO, 2010, p. 150.

¹³⁶ MUZIO, 2010, p. 150.

¹³⁷ MUZIO, 2010, p. 150.

¹³⁸ Frase original: “Grandes problemas sociais geram grandes ditadores” apresentada nas aulas de sociologia, turma 2021 (Faculdade Batista Pioneira).

¹³⁹ Veja-se o que foi dito sobre o assunto nos capítulos anteriores.

¹⁴⁰ “Proposta que unifica diferentes ministérios, líderes e comunidades em um espaço de reflexão, auxílio e ânimo e encorajamento para uma finalidade comum: alcançar a nova geração através de novas igrejas plantadas de forma estratégica e relevante ao contexto pós-moderno”. (MUZIO, 2010, p. 152).

¹⁴¹ MUZIO, 2010, p. 151.

do crescimento: agora se escuta falar com mais frequência da grande possibilidade de uma igreja *multisite*¹⁴², ou melhor, sobre novos modelos pós-pandemia.

Ao longo destes capítulos conseguiu-se apresentar os distintos modelos altamente reconhecidos nos últimos anos e os princípios universais da igreja. No entanto, percebe-se a realidade que cada igreja é única em seu DNA e é esse pensamento que irá ser abordado no capítulo a seguir.

¹⁴² É uma única igreja que se reúne em múltiplos lugares – diferentes salas num mesmo prédio, distintos endereços numa mesma região, ou em alguns casos, em diferentes cidades, estados ou países. Uma igreja multisite compartilha uma visão comum, orçamento, liderança e conselho ministerial. A abordagem de hoje varia entre transmitir um sermão por satélite a vários locais ou criar várias oportunidades de adoração dentro da mesma congregação em vários momentos e locais. (KÖHLER, Matheus Marques. **A influência das igrejas multisite na resignificação do cristianismo pós-moderno para as novas gerações**. p. 3. Disponível em: https://www.academia.edu/40719086/A_INFLU%C3%8ANCIA_DAS_IGREJAS_MULTISITE_NA_RESIGNIFICA%C3%87%C3%83O_DO_CRISTIANISMO_P%C3%93S_MODERNO_PARA_AS_NOVAS_GERA%C3%87%C3%95ES. Acesso em: 02 jun. 2021.

4 A ESTRATÉGIA CONTEXTUALIZADA

Após a exposição dos princípios e modelos conhecidos nos últimos anos, resta agora compreender o motivo da existência dessa ampla pluralidade de modelos e o porquê das constantes insatisfações das igrejas na procura por novos métodos de crescimento. Na verdade, uma leitura atenta desses motivos permite vislumbrar um novo paradigma ideal de crescimento muito comentado, mas pouco posto na prática: uma estratégia contextualizada, isto é, o planejamento estratégico de cada igreja.

4.1 Pós-modernismo: contra os modelos

A sociedade atual é tão complexa que somente com a sabedoria de Deus a igreja poderá sobreviver aos seus desafios. Hoje, qualquer erro será fatal. Que urgentemente se declare arrependimento e se levante um clamor pela visitação de Deus sobre sua igreja. Do contrário ela corre o risco de passar pelo mesmo vexame da igreja medieval, que ficou conhecida como a igreja do 'milênio de trevas'.¹⁴³

A pós-modernidade surge no nosso mundo diante das constantes frustrações que a modernidade deixou. “A pessoa decepcionada e desiludida tornou-se, dessa forma, alvo de novas promessas de novas facções religiosas, sociais, econômicas e políticas”¹⁴⁴. Wilkinson expressa que “o projeto moderno errou ao buscar o conhecimento absoluto e objetivo que é acessível através de um método preciso e definido”.¹⁴⁵

Talvez seja isso que aconteça com os modelos de crescimento mencionados na pesquisa, o mundo pós-moderno não permite que se desenvolvam naturalmente, pois talvez sejam modelos modernos e não pós-modernos. Esse é o motivo pelo qual as igrejas, que fazem parte do mundo, não conseguem suportar o peso que impõe o modelo e, apesar de resistir à mudança, terminam com o mesmo resultado já anunciado: líderes e ministérios frustrados.

Pode-se dizer que a característica central da expressão cultural pós-moderna é o pluralismo¹⁴⁶ celebrando uma vasta gama de expressões culturais contemporâneas. A religião e os modelos não ficaram de fora. Eles passaram a ser somente mais uma instituição entre tantas outras, levando a igreja a encontrar-se com o relativismo. A geração de hoje parece estar buscando alguma coisa diferente do que encontra nos computadores.¹⁴⁷

¹⁴³ GONDIM, 1999, p. 160.

¹⁴⁴ KRÜGER, Harriet Wondracek. **A teologia que vem dos palcos evangélicos**: o despertar de uma geração de adoradores. Curitiba: A. D. Santos, 2017, p. 87.

¹⁴⁵ SALINAS, Daniel. **Pós-modernidade**: novos desafios à fé cristã. Tradução de Samuel Escobar. 2.ed. São Paulo: ABU, 2002, p. 40 apud Wilkinson.

¹⁴⁶ GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo**: um guia para entender a filosofia do nosso tempo. Tradução de Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 41.

¹⁴⁷ SALINAS, 2017, p. 43.

Porém, nem tudo está perdido. Salinas afirma que são quatro as pedras que devem fundamentar as igrejas pós-modernas: a autenticidade, o cuidado mútuo, a confiança e a transparência¹⁴⁸ e o referido autor chama a atenção para a necessidade de reavaliar e suspeitar dos métodos e intenções, reconhecer os condicionamentos hermenêuticos e revisar a seriedade do compromisso cristão. Somente “não devemos permitir que a Verdade (em maiúsculo) torne-se relativa e converta-se simplesmente em uma verdade a mais no mercado esotérico do pós-modernismo”¹⁴⁹, ou seja, “não como uma instituição na disputa do mercado”.¹⁵⁰ Gilbert comenta:

O pós-modernismo é algo que deveríamos dedicar alguma reflexão. Dito isso, não tenho como não notar que nós, os cristãos, parecemos estar muito mais exaltados e incomodados com as investidas do pós-modernismo do que o resto do mundo... Francamente, isso me aborrece... Mudança não é problema para mim; eu adoro mudanças!... Estou convencido de que ministrar a pós-modernos não significa mergulhar de cabeça em seu oceano de incertezas. Eu não quero me lamentar com eles; quero oferecer algo de diferente - algo como a Verdade¹⁵¹.

Seguindo a mesma linha, Josué Campanhã anima os líderes das igrejas a aplicar a “política do basta”, isto é, “basta de continuar fazendo as mesmas coisas de sempre”¹⁵², e acrescenta que a estratégia para o século 21 implica inovação”¹⁵³. O próprio Grenz afirma que “seria irônico se os evangélicos se tornassem os últimos defensores da modernidade já moribunda. Para alcançar pessoas no novo contexto pós-moderno, devemos lançar a tarefa de decifrar as implicações do pós-modernismo para o Evangelho”.¹⁵⁴

A partir desse quadro, cabe agora perguntar: por que lutar contra o pluralismo do pós-modernismo em relação aos modelos de crescimento? Claramente existem perigos (um deles foi mencionado anteriormente)¹⁵⁵, porém, se a sociedade pós-moderna anda a procura de igrejas sem modelos ou maneiras de fazer, por que os líderes não criam novas estratégias contextualizadas para suas igrejas? Aqui já não se trata de contextualizar algum modelo determinado para uma igreja, como querendo obrigar a igreja a se encaixar em algo simplesmente não preparado para ela, mas trata-se de criar e planejar estratégias, conforme as características únicas da igreja local, que seus líderes inovem, as igrejas sejam autênticas e

¹⁴⁸ SALINAS, 2017, p. 47.

¹⁴⁹ SALINAS, 2017, p. 46.

¹⁵⁰ GONDIM, 1999, p. 73

¹⁵¹ GILBERT, Greg apud CARSON, D. A. **Igreja emergente: o movimento e suas implicações**. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 94.

¹⁵² CAMPANHÃ, Josué. **Líder do amanhã: formando a nova geração de líderes da sua organização**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 63.

¹⁵³ CAMPANHÃ, 2008, p. 66.

¹⁵⁴ GRENZ, 1997, p. 28.

¹⁵⁵ Conf. o subponto 2.3.

estejam preocupadas em saber por que existem, não somente continuar existindo porque sempre foi assim¹⁵⁶.

Essa estratégia contextualizada não é nada além do que o planejamento estratégico de cada igreja, pois convém lembrar que essas estratégias também são temporárias (elas vão e vêm). No entanto, como cada igreja é única, ela precisa do planejamento para conseguir que as estratégias estejam sempre contextualizadas.

4.2 A singularidade da Igreja local

A palavra “igreja” provém do grego “*ekklesia*” e é usada 114 vezes no Novo Testamento¹⁵⁷ com o significado de “chamar para fora”.¹⁵⁸ É importante esclarecer que também o Novo Testamento outorga à palavra “igreja” dois sentidos:

- *Igreja no sentido universal (ou invisível)*: é a totalidade (todas as épocas e todos os lugares) daqueles que confessam a Cristo como Senhor e Salvador de suas vidas.
- *Igreja no sentido local (ou visível)*: um grupo em Cristo numa dada localidade geográfica¹⁵⁹, ou seja, também compreende uma totalidade de crentes, porém se delimita somente ao lugar geográfico (sendo esse o sentido abordado na presente pesquisa).

A forma externa da igreja não é sempre vista de modo claro, mas sempre existe uma igreja, visível e invisível, no meio do mundo. Enquanto a igreja visível é disponível aos nossos sentidos, a invisível só é conhecida por Deus. Não sabemos quem é eleito e quem não é, por essa razão devemos exercitar o amor aos professos, exortar, aplicar disciplina e até mesmo a excomunhão¹⁶⁰.

Seguindo o conceito de igreja, Muzio escreve que é “o termo usado no Novo Testamento para descrever um ajuntamento de pessoas que professam confiança em Jesus Cristo, que se reúnem para adorá-lo, buscando que outros se tornem seguidores, seus discípulos”.¹⁶¹ Severa a define como “um grupo de pessoas crentes e batizadas em Cristo, organizadas para fins de adoração, edificação, evangelização e serviço”.¹⁶² Pode-se observar dessas definições alguns elementos distintivos:

1. Pessoas: são o elemento essencial da igreja;

¹⁵⁶ CAMPANHÃ, 2008, p. 64.

¹⁵⁷ SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de teologia sistemática**. Curitiba: A. D. Santos, 1999, p. 354.

¹⁵⁸ SEVERA, 1999, p. 354.

¹⁵⁹ SEVERA, 1999, p. 354-355.

¹⁶⁰ HORTON, Michael. **Creio: redescobrimo o alicerce espiritual**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000, p. 172.

¹⁶¹ MUZIO, 2010, p. 81.

¹⁶² SEVERA, 1999, p. 360.

2. Conversão e batismo: a primeira, é o lado visível da fé em Cristo (uma mudança de vida que é santificada pelo Espírito Santo); o segundo é o sinal externo da conversão e uma ordenança de Cristo;

3. Organização: para conseguir cumprir a missão aqui na terra;

4. Missão: ela não fica inativa esperando a volta de Cristo. Todos os crentes foram chamados para servir ao Senhor.

Por outro lado, deve-se considerar também a igreja como um organismo vivo, único e crescente, pois desde o Novo Testamento as igrejas locais não eram uniformes, havia diferenças no culto, nos governos e em algumas doutrinas.¹⁶³ Essa singularidade é dada à medida que a igreja vai “se confrontando com novas situações e novos pensamentos, vai adquirindo maneiras diferentes no seu modo de ser e agir no mundo”¹⁶⁴, criando espontaneamente características próprias.

Além disso, Paulo usa, no capítulo doze da Primeira carta aos Coríntios¹⁶⁵, uma comparação com o corpo humano para explicar a interdependência dos membros da igreja e quão importante é a diversidade desse corpo na manutenção da vida da igreja. “Se todos os membros cumprem suas funções, o corpo prospera; se não, sofre ou deixa de existir”.¹⁶⁶

Souza e Warren, nesta lógica, indicam que

Os dons são dados à Igreja com a finalidade de equipá-la e habilitá-la para a realização da tarefa de evangelizar e ganhar o mundo para Cristo e, esta missão da Igreja findará com a vinda de Jesus. Portanto, o tempo estabelecido por Deus para a cessação dos dons é a vinda de Cristo¹⁶⁷. Lembre-se que a igreja é de Cristo, e não nossa. Ele fundou a igreja, morreu por ela, enviou o Espírito Santo e um dia virá para buscá-la. E, como proprietário da igreja, ele estabeleceu seus propósitos. É nossa missão entender esses propósitos e implementá-los. Ainda que os programas mudem a cada geração, os propósitos não podem ser alterados. Podemos ser inovadores no estilo do ministério; jamais, porém, devemos alterar a essência dele¹⁶⁸.

Em virtude do apresentado, nota-se aqui algumas diferenças entre as igrejas locais: elas estão situadas em lugares diferentes, formadas por pessoas diferentes, com características próprias, lideranças e governos próprios, com suas necessidades e desafios equiparados com dons dados pelo Espírito Santo, especificamente para a edificação de cada igreja. Basta agora as perguntas: por que é tão difícil pensar que as estratégias de crescimento e até mesmo o próprio crescimento são totalmente diferentes entre as igrejas locais? Por que os líderes buscam

¹⁶³ SEVERA, 1999, p. 362.

¹⁶⁴ SEVERA, 1999, p. 362.

¹⁶⁵ Antes de prosseguir, deve-se ler o texto de 1 Coríntios 12.

¹⁶⁶ MIRANDA, 1991, p. 108.

¹⁶⁷ SOUZA, Estêvão Ângelo. **Nos domínios do Espírito**. Rio de Janeiro: CPAD, 1987, p. 123-124.

¹⁶⁸ WARREN, 2001, p. 87.

sempre engessar as igrejas que Cristo lhes confiou a modelos de outros lugares? É hora de quebrar esse paradigma e avançar para a estratégia contextualizada que se reflete no planejamento estratégico das igrejas.

4.3 Proposta: Revitalização do planejamento estratégico

A partir do que foi enunciado, compreende-se a justificativa fundamental do planejamento estratégico nas igrejas locais. O parágrafo 10 do Pacto de Lausanne enfatiza o seguinte posicionamento:

O desenvolvimento de estratégias para a evangelização mundial requer metodologia nova e criativa. Com a bênção de Deus, o resultado será o surgimento de igrejas profundamente enraizadas em Cristo e estreitamente relacionadas com a cultura local. A cultura deve sempre ser julgada e provada pelas Escrituras. Porque o homem é criatura de Deus, parte de sua cultura é rica em beleza e em bondade; porque ele experimentou a queda, toda a sua cultura está manchada pelo pecado, e parte dela é demoníaca. O evangelho não pressupõe a superioridade de uma cultura sobre a outra, mas avalia todas elas segundo o seu próprio critério de verdade e justiça, e insiste na aceitação de valores morais absolutos, em todas as culturas. As missões muitas vezes têm exportado, juntamente com o evangelho, uma cultura estranha, e as igrejas, por vezes, têm ficado submissas aos ditames de uma determinada cultura, em vez de às Escrituras. Os evangelistas de Cristo têm de, humildemente, procurar esvaziar-se de tudo, exceto de sua autenticidade pessoal, a fim de se tornarem servos dos outros, e as igrejas têm de procurar transformar e enriquecer a cultura; tudo para a glória de Deus.¹⁶⁹

Assim, o parágrafo 10 afirma que o Evangelho é sempre superior à cultura. No entanto, é de suma importância desenvolver as estratégias necessárias que coincidem com essa cultura. Isso é contextualizar, nas palavras do pastor Price: “permanecer na corda bamba entre fidelidade às Escrituras e a relevância da nossa cultura, sem cairmos para um lado ou para outro”.¹⁷⁰ Nesse sentido, o pastor Hans Udo Fuchs traz à tona as seguintes frases: “a cultura é a expressão da riqueza da criação; Deus não nos criou uniformizados, mas multicores e dinâmicos” e “todos os elementos humanos que cercam a verdade central (do Evangelho) são passíveis de adaptação. Feliz o cristão que, ao evangelizar, leva isso em consideração...”.¹⁷¹

Começar o planejamento com a definição da visão é um bom caminho, pois ela, sintonizada com os planos de Deus, é o filtro por meio do qual passam a ser avaliadas todas as atividades da igreja¹⁷² e é uma “clara imagem mental para um futuro preferível, concedida por Deus a seus servos escolhidos, baseada em uma compreensão exata de Deus”.¹⁷³

¹⁶⁹ PACTO DE LAUSANNE. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne>. Acesso em: 16 jul. 2021.

¹⁷⁰ PRICE, Donald apud PIRAGINE JR., Paschoal (Org.). **A contextualização da igreja de Cristo: igrejas fiéis no mundo de hoje**. Rio de Janeiro: JUERP, 2002, p. 23.

¹⁷¹ FUCHS, Hans apud PIRAGINE, 2002, P. 38.

¹⁷² BARNA, George. **Igrejas amigáveis e acolhedoras**. São Paulo: Abba Press, 1995, p. 90.

¹⁷³ BARNA, 1997, p. 150.

Barna faz uma pergunta contundente: “não é interessante que não enfrentamos qualquer problema para assegurar às pessoas que Deus tem um plano para a vidas delas, contudo raramente levamos a sério a noção de que Ele também tem um plano preciso para cada igreja que Ele determinou que existisse?”¹⁷⁴

Deixar faltar a visão de Deus numa igreja é fazer com que a mesma fique estagnada ou então presa ao ativismo, com uma pesada rotina de trabalho, a qual, porém, não traz benefícios para a obra de Deus, pois está voltada para os anseios dos homens. Além disso, a falta de visão dos líderes da igreja também é um dos principais fatores que fazem com que haja muita troca de pastores em determinadas igrejas, pois os servos do Senhor, geralmente, estão querendo fazer o que é da vontade de Deus, e por não conseguirem, buscam novas oportunidades.¹⁷⁵

Complementando, Hernandez Dias Lopes faz a seguinte afirmação: “A visão espiritual de sua identidade e da sua missão é tudo que uma igreja local precisa para impactar o mundo”.¹⁷⁶ Nota-se nitidamente que quando as igrejas locais não sabem qual é a sua visão e para onde elas estão indo, permanecem estagnadas, adoecem e morrem¹⁷⁷ ou talvez fiquem acomodadas, realizando apenas um ministério de manutenção¹⁷⁸. Campanhã indica que de fato “muita gente acostuma o cérebro e fica descansando. Perguntar para outras pessoas o que fazer é a alternativa mais fácil que todos buscam”.¹⁷⁹

Contudo, consegue-se definir a visão mediante estudo, orações, conselhos e buscando como fundamento as Sagradas Escrituras. Por isso, pode-se dizer que também é uma “visão celestial”, pois se origina em Deus e serve não para que os pastores sejam meros realizadores de eventos, mas para a criação de valores e alicerces sobre os quais o crescimento irá ocorrer. Um exemplo disto está na experiência ministerial do pastor Paschoal Piragine Jr.:

A percepção da visão e do projeto de Deus para nossa igreja neste tempo foi um processo lento, tanto no meu coração quanto na percepção da própria igreja. Deus, na sua sabedoria, caminhou pacientemente comigo, permitindo que cada faceta da visão fosse percebida, apropriada no coração da igreja. Este processo demorou alguns anos de ministério, onde cada pedacinho da visão foi sendo incorporado. Primeiro foi um forte sentimento de que nada poderia ser feito sem uma busca intensa de um relacionamento íntimo com Deus, tanto da minha parte, quanto da liderança e de cada membro. Precisávamos crescer para cima, em direção ao Senhor. Sem este crescimento, qualquer tipo de ação pareceria sem sentido.¹⁸⁰

¹⁷⁴ BARNA, 1995, p. 89.

¹⁷⁵ MODES, 2009, p. 15-16.

¹⁷⁶ LOPES, Hernandez Dias; CASIMIRO, Arival Dias. **Revitalizando a igreja**: na busca por uma igreja viva, santa e operosa. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 82.

¹⁷⁷ LOPES, 2012, p. 82.

¹⁷⁸ LOPES, 2012, p. 93.

¹⁷⁹ CAMPANHÃ, 2008, p. 39.

¹⁸⁰ PIRAGINE JR., 2002, p. 90-91.

Além disso, Paschoal alerta que a visão demandará mais tempo e cuidado para que o planejamento possa andar¹⁸¹. Seguindo Barna, entende-se que “quando Deus estiver pronto a transferir a visão, Ele o fará. Mas nenhum minuto antes”.¹⁸² Porquanto, pode-se observar que a visão nunca pode-se considerar fácil de implementar, porém é necessária e que “Deus não dá sua visão até que tenhamos reservado tempo e nos esforçado para compreender seu contexto”.¹⁸³ No mundo pós-moderno e tendo em mente a singularidade de cada igreja, precisa-se de líderes visionários, não conformados a modelos, que anelem conceber a visão celestial dado que ela envolve mudanças e crescimento¹⁸⁴.

Captada a visão, ocorre a sua transmissão às outras pessoas, pois quando a liderança encarna a visão, o povo segue os líderes.¹⁸⁵ Porém, é tarefa da igreja explicar com clareza a cada pessoa o motivo da sua existência. Barna faz menção da importância de focar a visão em uma declaração curta, ou seja, uma “visão articulada” com o fim de facilitar a compreensão e para que seja decorada por elas.¹⁸⁶

Quanto ao planejamento estratégico, Clagett a define inicialmente como um “método organizado e sistemático de liderança de igreja”.¹⁸⁷ É nesse método em que se consegue observar a tão apreciada contextualização, visão e as estratégias saudáveis que a igreja local precisa para seu crescimento. Campanhã afirma o seguinte: “nenhuma organização funciona bem sem planejamento. Planejar é determinar objetivos, formular estratégias, políticas e planos operacionais. Planejar facilita a tomada de decisões”¹⁸⁸, dando lugar ao conceito de planificar.

Ainda mais, Barna anima os líderes: “a fim de maximizar sua eficácia no ministério, você precisa de um plano. Mas seu plano deve ser mais do que a combinação de uma série de ações ou ideias”.¹⁸⁹ Seguindo, em outra de suas obras, o autor é mais enfático ao dizer “você serve a um Deus lógico. Seu universo é metódico e Ele opera de forma metódica. Ele espera que você atue de maneira ordenada também”.¹⁹⁰ Pode-se lembrar aqui do dito conhecido que diz “aqueles que falham no planejamento, planejam fracassar”. Isso resume a grande importância do planejamento nas igrejas locais. Visão e planejar de forma contextualizada são

¹⁸¹ PIRAGINE JR., 2002, p. 98.

¹⁸² BARNA, George. **O marketing a serviço da igreja**. São Paulo: Abba Press, 1997, p. 167.

¹⁸³ BARNA, 1997, p. 81.

¹⁸⁴ BARNA, George. **Transformando a visão em ação**: definindo e colocando em prática a visão singular que Deus tem para seu ministério. São Paulo: Cristã Unida, 1997, p. 37-38

¹⁸⁵ LOPES, 2012, p. 96.

¹⁸⁶ BARNA, 1995, p. 92-97.

¹⁸⁷ CLAGETT, John Y. **Administração da igreja autônoma**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1989, p. 13.

¹⁸⁸ CAMPANHÃ, 2008, p. 45.

¹⁸⁹ BARNA, 1997, p. 175.

¹⁹⁰ BARNA, 1997, p. 81.

elementos essenciais para a vida da igreja, o referido autor alerta os líderes com a seguinte declaração:

Durante a próxima década, o ministério passará por mudanças dramáticas, apesar que nossa resposta as mudanças que nos cercam. Devemos começar de um rascunho e criar um plano para o ministério que reconheça o novo ambiente, obstáculos, recursos e oportunidades. Pra sermos eficazes é necessário que capturemos a visão de Deus para o ministério no mundo, e preparar um plano cuidadoso que defina nossas prioridades.¹⁹¹

Uma vez exposto a transcendência da visão e da planificação dentro de uma igreja, é hora de centra-se em como converter esse planejamento em estratégico (com estratégias contextualizadas). Desse modo, o planejamento prossegue com o levantamento das necessidades do ambiente externo e, depois, das necessidades internas da igreja. Em seguida, é feito o levantamento dos problemas, com uma avaliação da situação. Além disso, são definidos os desafios e as oportunidades de futuro.¹⁹²

Levantados os dados, a estratégia precisa ser montada e executada. Cada líder deve formular objetivos, elaborar um plano e também definir os meios de controle tendo em vista que o objetivo não pode se desviar da visão, o plano precisa ser seguido e o controle é fundamental para que tudo funcione bem.¹⁹³

Barna indica que “o plano estratégico prepara o ministério para alcançar mais eficazmente novas pessoas e para apoiar a família existente da igreja ao esboçar os passos de ação que ela deveria abraçar para ter um ministério capaz de modificar a vida”.¹⁹⁴ As estratégias dentro do plano referem-se aos cursos de ação que a igreja deve seguir para alcançar os objetivos. Elas devem ser dinâmicas e contextualizadas com a realidade da igreja local. Para culminar, Charles Brock define como “tudo aquilo que se destina a uma cultura em particular e que se desenvolve dentro dela”¹⁹⁵, entendendo-se enfim, que uma igreja com estratégias saudáveis é uma igreja local capaz de crescer dentro da cultura onde está estabelecida, sem interferências e controle externo¹⁹⁶ e com planos pensados especificamente para a vida dela.

4.4 Considerações

Esse planejamento estratégico torna-se contínuo, para sempre estar contextualizado com a realidade e a necessidade da igreja, pois quando as avaliações e pesquisas desvendam

¹⁹¹ BARNA, George. **A rã na chaleira**. São Paulo: Abba Press, 1997, p. 133.

¹⁹² CAMPANHÃ, 2008, p. 45.

¹⁹³ CAMPANHÃ, 2008, p. 49.

¹⁹⁴ BARNA, 1997, p. 208.

¹⁹⁵ BROCK, Charles. **Plantando igrejas contextualizadas**: uma jornada multiplicadora. Rio de Janeiro: Convicção, 2010, p. 93.

¹⁹⁶ BROCK, 2010, p. 93.

mudanças ou pontos fracos tanto na sociedade, na igreja, quanto nos planos ou na sua concretização, podem ser feitas algumas tentativas para alterar estas situações. Dessa forma, o planejamento estratégico termina sendo um processo que prossegue indefinidamente. Ocasionalmente, esse processo resultará em grandes modificações, como uma base para informações revisadas, a reavaliação da visão da igreja e novas avaliações da base de recursos da igreja ou, então, mediante a criação de um planejamento novo.¹⁹⁷ Nas palavras de Paschoal: “contextualizar é um desafio permanente para cada pastor em cada sermão e para cada igreja na implementação da sua visão”.¹⁹⁸

As igrejas no mundo pós-moderno precisam do planejamento estratégico e não de modelos comprados. Talvez o modelo G-12 seja uma bênção na Missão Carismática Internacional; a Igreja com Propósitos, na igreja de *Saddleback*; o modelo de Rede Ministerial, na *Willow Creek*; a igreja em células, nas igrejas dirigidas por Cho e, assim, pode-se continuar com todos os modelos existentes no mundo. Porém, jamais irão funcionar e obter os mesmos resultados nas outras igrejas locais a não ser na qual foram criados.

No Brasil tem-se visto uma explosão das igrejas neopentecostais, elas representam as igrejas mais contextualizadas no Brasil, pena que deixaram a Bíblia de lado. Porém, sabe-se que o crescimento numérico dessas comunidades não representa o crescimento saudável da igreja.

A singularidade de cada igreja permite, na sabedoria outorgada por Cristo (o cabeça da igreja) e com o auxílio dos princípios universais, sem deixar sua essência, criar estratégias saudáveis e contextualizadas compatíveis com a realidade local, “deixando a igreja ser igreja”.¹⁹⁹

¹⁹⁷ BARNA, 1997, p. 39.

¹⁹⁸ PIRAGINE JR., 2002, p. 100.

¹⁹⁹ Expressão usada por Josemar Modes em sua obra.

CONCLUSÃO

Cada líder precisa procurar um crescimento saudável na igreja que Deus colocou sob sua responsabilidade. É por isso que a pesquisa analisou os modelos de crescimento de igreja de maior destaque nos últimos anos, constatando a necessidade da elaboração de um planejamento estratégico dentro de cada igreja.

Inicialmente, no capítulo um, pesquisou-se sobre a Igreja em células, o Movimento G-12 e o Modelo de discipulado apostólico, conseguindo-se observar que são modelos similares na sua estrutura e estratégia celular e com grandes laços entre si. No entanto, o Movimento G-12 foi caracterizado por conter algumas práticas e doutrinas contrárias à Palavra de Deus manifestando uma “distorção teológica”. Os outros dois modelos foram relacionados diretamente com o G-12 e acabaram sendo igualmente rejeitados por algumas igrejas.

No segundo capítulo, por sua vez, abordou-se os modelos de Rede ministerial e a Igreja com Propósitos, sendo capaz de notar um jeito diferente de olhar para o crescimento das igrejas, que até aquele momento era somente por meio dos resultados numéricos, uma perspectiva meramente empresarial de igreja. Assim, inicia-se um novo caminho no estudo do crescimento de igreja: além de controlar o crescimento numérico, considera-se a sua edificação por meio da descoberta dos dons e por meio da compreensão dos seus propósitos. Essa foi a leitura do crescimento de igreja com as lentes de novos paradigmas, porém, que ainda contém certas dificuldades na hora de implementar em toda igreja local.

O terceiro capítulo tratou do Desenvolvimento natural da igreja e da Igreja multiplicadora, percebendo-se que, na realidade, são princípios que ajudam as igrejas locais a se tornar melhores, independentemente do modelo adotado por elas. É por isso que se pode afirmar a diferença de parâmetros, pois em todo o mundo e ao longo das diferentes épocas surgiram modelos que tiveram seu apogeu durante alguns anos e que logo deram lugar para outros modelos emergentes que se adaptavam à nova realidade social. Porém, os princípios são valores universais.

No quarto e último capítulo enfatizou-se sobre a revitalização do planejamento estratégico para o desenvolvimento de estratégias contextualizadas, uma vez que se compreendeu que os modelos não possuem durabilidade infinita e que os princípios ajudam as igrejas. O capítulo mostrou que o mundo pós-moderno está continuamente em oposição a modelos e também que as igrejas locais não precisam se encaixar em modelos existentes, pois de fato, não foram desenhados para elas. O planejamento estratégico elabora estratégias conforme as características únicas da igreja local, que faz com que seus líderes sejam inovadores,

realçando a autenticidade de cada uma, levantando, assim, a preocupação em saber por que existem, isto é, a visão da igreja local.

Enfim, diante do crescente fluxo de modelos no mundo, a singularidade de cada igreja permite a criação de estratégias contextualizadas. É dever de cada líder não deixar a igreja local estagnar, adoecer e morrer com modelos comprados, mas crescer saudavelmente, desenvolvendo o planejamento estratégico.

Este assunto está longe de se esgotar, pois abre portas para outras pesquisas referidas, a saber: a “igreja local pós-pandemia”, “o planejamento estratégico na vida da igreja local”, “o pós-modernismo dentro das igrejas”, “os movimentos *seeker-sensitive*”, “cronologia dos modelos de crescimento de igreja e seu impacto na igreja local”, entre outras temáticas.

REFERÊNCIAS

- Manual de Realização do Encontro**, 133 p. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/66091696/apostila-encontro>. Acesso em: 02 jun. 2021.
- BARBOSA, Edvaldo. **Aspectos práticos da visão em células**. Ministério Apostólico Renovado, 2011. Disponível em: <https://sourenovado.wordpress.com/2011/04/28/aspectos-praticos-da-visao-em-celulas/>. Acesso em: 13 mai 2021.
- BARNA, George. **A rã na chaleira**. São Paulo: Abba Press, 1997. 146 p.
- BARNA, George. **O marketing a serviço da igreja**. São Paulo: Abba Press, 1997. 272 p.
- BARNA, George. **Transformando a visão em ação**: definindo e colocando em prática a visão singular que Deus tem para seu ministério. São Paulo: Cristã Unida, 1997. 192 p.
- BARNA, George. **Igrejas amigáveis e acolhedoras**. São Paulo: Abba Press, 1995. 202 p.
- BEZERRIL, Moisés C. **Igreja em células**: uma ameaça à eclesiologia reformada e ao pastorado apostólico. 2005. 36 p.
- Bíblia sagrada nova versão internacional**. 1.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. 1120 p.
- BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002. 690 p.
- BRANDÃO, Fernando [org]. **Igreja multiplicadora**: 5 princípios bíblicos para crescimento. Rio de Janeiro: Convicção, 2014. 200 p.
- BROCK, Charles. **Plantando igrejas contextualizadas**: uma jornada multiplicadora. Rio de Janeiro: Convicção, 2010. 272 p.
- BUGBEE, Bruce; COUSINS, Dom; HYBELS, Bill. **Rede ministerial**: pessoas certas... nos lugares certos... pelas razões certas... Guia do consultor. Tradução de Bill Hybels. São Paulo: Vida, 1996. 37 p.
- CAMPANHÃ, Josué. **Líder do amanhã**: formando a nova geração de líderes da sua organização. São Paulo: Hagnos, 2008. 80 p.
- CARSON, D. A. **Igreja emergente**: o movimento e suas implicações. São Paulo: Vida Nova, 2010. 288 p.
- CARVALHO Costas Moab. **O aggiornamento do pentecostalismo brasileiro**. São Paulo: Recriar, 2019. 400 p.
- CASTELLANOS, César D. **Sonha e ganharás o mundo**. São Paulo: G12, 2006, 232 p.
- CHO, Paulo Yonggi. **Grupos familiares e o crescimento da Igreja**. Tradução de João Barbosa Batista. São Paulo: Vida, 1985. 192 p.
- CLAGETT, John Y. **Administração da igreja autônoma**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1989. 190 p.
- COMISKEY, Joel. **Crescimento explosivo da igreja em células**: como o seu grupo pequeno pode crescer e se multiplicar. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2002. 152 p.
- GONDIM, Ricardo. **Fim de milênio**: os perigos e desafios da pós-modernidade na igreja. São Paulo: Abba Press, 1999. 160 p.

- GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo.** Tradução de Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 1997. 250 p.
- HARDING, Clive. **Manual para pastores.** Bogotá: G-12, 2005. 30 p.
- HORTON, Michael. **Creio: redescobrimo o alicerce espiritual.** São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 240 p.
- HUBER, Abe. **Discipulado um a um: crescimento com qualidade.** 2. ed. Fortaleza: Premium, 2012. 240 p.
- HUBER, Abe; GOMEZ, Ivanildo. **Treinamento de Líderes de Células: ferramentas e instruções para a formação integral de líderes de células bem-sucedidos.** Fortaleza: Premium, 2010. 154 p.
- HYBELS, Lynne. **Redescobrimo a igreja: a história e a visão da Willow Creek Community Church.** Tradução de Bill Hybels. São Paulo: Hagnos, 2003. 293 p.
- KIVITZ, Ed René. **Quebrando paradigmas.** São Paulo: Abba Press, 2000. 99 p.
- KÖHLER, Matheus Marques. **A influência das igrejas multisite na ressignificação do cristianismo pós-moderno para as novas gerações.** 11 p. Disponível em: https://www.academia.edu/40719086/A_INFLU%C3%8ANCIA_DAS_IGREJAS_MULTISITE_NA_RESSIGNIFICA%C3%87%C3%83O_DO_CRISTIANISMO_P%C3%93S_MODE_RNO_PARA_AS_NOVAS_GERA%C3%87%C3%95ES. Acesso em: 02 jun. 2021.
- KRÜGER, Harriet Wondracek. **A teologia que vem dos palcos evangélicos: o despertar de uma geração de adoradores.** Curitiba: A. D. Santos, 2017. 223 p.
- LAY, Robert M.; KASDORF, Harry. **Manual do auxiliar de célula.** Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2008. 168 p.
- LEITE FILHO, Tácito da Gama. **Seitas Neopentecostais: seitas do nosso tempo.** 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991. 192 p.
- LIMA, Paulo Cesar. **O que está por trás do G-12: o que é, suas doutrinas, seus métodos, o que pretende.** 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. 143 p.
- LOPES, Hernandes Dias; CASIMIRO, Arival Dias. **Revitalizando a igreja: na busca por uma igreja viva, santa e operosa.** São Paulo: Hagnos, 2012. 141 p.
- McGAVRAN, Donald. **Compreendendo o crescimento da igreja.** São Paulo: Sepal, 2001. 444 p.
- MIRANDA, Juan Carlos. **Manual de crescimento da igreja.** Tradução de Carmella Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1991. 197 p.
- MODES, Josemar Valdir. **Crescimento natural da igreja: deixando a igreja ser igreja.** Ijuí: FBP, 2009. 87 p.
- MUZIO, Rubens. **O DNA da igreja: comunidades cristãs transformando a nação.** Curitiba: Esperança, 2010. 311 p.
- NETO, Emilio Garofalo. **Antes só do que mal acompanhada: o risco de casar-se com o espírito de seu tempo – uma análise das propostas de revitalização de igreja dos movimentos seeker-sensitive e emergente.** Fides Reformata XI, nº 1, 2006. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/5-Igreja-emergente-a-igreja-do-p%C3%B3s-modernismo-Uma-avalia%C3%A7%C3%A3o-provis%C3%B3ria-por-Mauro-Meister.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

PACTO DE LAUSANNE. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne>. Acesso em: 16 jul. 2021.

PIRAGINE JR., Paschoal (Org.). **A contextualização da igreja de Cristo**: igrejas fieis no mundo de hoje. Rio de Janeiro: JUERP, 2002. 269 p.

PRADO, Ivo Gomes. **Vivendo a Comunhão do Primeiro Amor**: apostila de igreja em células. São Paulo: Ministério de Igreja em Células em Assis, 2000. 64 p.

ROMERO, Daniel. **Estudio MCI- G-12**. Comisión de Teologia URPAB RM, 2017. 44 p.

SALINAS, Daniel. **Pós-modernidade**: novos desafios à fé cristã. Tradução de Samuel Escobar. 2.ed. São Paulo: ABU, 2002. 99 p.

SCHOLL, Helmuth. Multiplicação de Discípulos. **O Batista Pioneiro**: multiplicar em submissão a Jesus Cristo. Curitiba, n. 7. 16 p. jul. 2015.

SCHWARZ, C. A. **O desenvolvimento natural da igreja**: guia prático para cristãos e igrejas que se decepcionaram com receitas mirabolantes de crescimento. Curitiba: Evangélica Esperança, 1996. 128 p.

SCHWARZ, Christian A.; SCHALK, Christoph. **A prática do desenvolvimento natural da igreja**. Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998. 240 p.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de teologia sistemática**. Curitiba: A. D. Santos, 1999. 490 p.

SOUZA, Estêvão Ângelo. **Nos domínios do Espírito**. Rio de Janeiro: CPAD, 1987. 247 p.

WAGNER, C. Peter. **Estratégias para o crescimento da igreja**. São Paulo: Sepal, 1991. 225 p.

WARREN, Rick. **Uma igreja com propósitos**. Tradução de Carlos de Oliveira. São Paulo: Vida, 2001. 392 p.